



**Crenças Parentais, Práticas Parentais e  
Comportamentos Externalizantes em Crianças  
em Idade Pré-Escolar (3-6 anos)**

Carolina Maria de Barros Costa Maciel

26479

Orientador de Dissertação:

Professora Doutora Maryse de Melo Guedes

Docente de Seminário de Dissertação:

Professora Doutora Manuela Veríssimo

Dissertação Submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

**MESTRE EM PSICOLOGIA**

Especializada em Psicologia e Psicopatologia do Desenvolvimento

2023/2024

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Manuela Veríssimo e Professora Doutora Maryse de Melo Guedes, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre em Psicologia na especialidade de Psicologia e Psicopatologia do Desenvolvimento.

## **Agradecimentos**

Primeiramente quero agradecer à minha orientadora e mentora, Professora Doutora Maryse Guedes, que acompanhou o meu percurso desde o primeiro ano até ao último. Ao longo destes dois anos, senti uma constante evolução e crescimento a nível pessoal e profissional e muito lhe devo. A sua calma, paciência, capacidade de resposta, motivação, força e apoio que me fizeram acreditar que ia ser capaz, mesmo nos dias mais desafiantes, mesmo quando as horas de descanso eram poucas e achava que não ia conseguir. Agradeço do fundo do meu coração, toda a tranquilidade e calma que me ensinou no primeiro ano de mestrado, por acreditar sempre em mim, por me ensinar que errar e falhar faz parte e que não é por isso que somos menos. Obrigada por me ter ensinado que podemos ser mais e melhores connosco mesmos e que saber parar, respirar e acreditar também faz parte. Obrigada por toda a confiança, apoio, cuidado e ajuda, sem si não teria sido capaz e sobretudo não seria mais feliz e completa atualmente.

Agradeço à Professora Doutora Maria Manuela Veríssimo pelos vastos conhecimentos que teve sempre uma humildade e gosto enorme em partilhar com estas gerações mais novas, mas pela força que também nos dá, pelo seu sorriso nos dias mais difíceis e por nos querer preparar que nem sempre pode correr tudo como idealizamos, mas que no fim, dará sempre certo.

À minha família que são o meu pilar e que me ensinaram desde o dia em que nasci que o amor é o segredo, e que quando colocamos amor e dedicação em que tudo o que fazemos podemos ser mais e melhores. Aos meus irmãos, que os vi crescer, aumentar a família e que nunca duvidaram das minhas capacidades e sempre me deram força e coragem porque acreditavam que seria capaz. À minha maravilhosa avó, que me lembrou todos os sábados que era preciso saber parar, descansar e respirar, e me deu sempre uma enorme força e ajudou a dobrar centenas de envelopes com um sorriso no rosto. À minha mãe, que é a minha maior referência e que a admiro profundamente, que esteve ao meu lado dia após dia e nunca me deixou cair, porque acredita em mim muito mais que eu. Ao Pedro que me veio mostrar a beleza e essência que cada pessoa tem e me faz sentir uma mulher segura, confiante e forte. Por todas as vezes que me deu força para trabalhar e por acreditar em mim a 200%. Aos meus amigos queridos do coração, em especial à Bá que foi a minha companheira deste mestrado, que me ajudou a organizar a agenda quando eu não tinha tempo para respirar, que organizou jantares para eu conviver e por me mostrar que somos capazes e juntas muito mais fortes. A todas as minhas amigas

que cresceram comigo e me deram a mão, mostrando que todos somos perfeitos na nossa imperfeição. Tenho um profundo amor, admiração e carinho por todos.

Por último, agradeço a todas as escolas, aos diretores, aos educadores, aos professores e aos psicólogos que reuniram comigo diversas vezes, que aceitaram sem hesitar participar no meu projeto e a cada cuidador que aceitou partilhar comigo um bocadinho de si e da sua história familiar. É de realçar que me deram um profundo alento para a importância da investigação, para a consciencialização das atitudes parentais e educacionais no desenvolvimento das crianças.

A minha dissertação, marca o fim de um ciclo na minha vida, a formação de 5 anos no ISPA – Instituto Universitário, a minha segunda casa durante estes 5 anos. Obrigada a esta instituição que me ensinou tanto e que me fez hoje, sair daqui uma pessoa melhor, mais serena e mais feliz.

## Resumo

O modelo de processamento de informação parental estabelece que as crenças dos pais em relação aos comportamentos (mal)adaptativos da criança, tais como a agressividade física, são um dos fatores que se associam direta ou indiretamente (via práticas parentais) com os comportamentos externalizantes das crianças. Contudo, são poucos os estudos que examinam as associações entre estas variáveis, reconhecendo a natureza multidimensional (i.e., reações emocionais, atribuições causais, objetivos de socialização, estratégias antecipadas) das crenças parentais. Esta dissertação teve como principal objetivo examinar as associações entre as múltiplas dimensões das crenças das mães e dos pais acerca da agressividade física, as práticas parentais e os comportamentos externalizantes em idade pré-escolar. A amostra foi constituída por 169 mães e 52 pais de crianças em idade pré-escolar (3-6 anos), recrutadas em instituições de ensino pré-escolar privado na Área Metropolitana de Lisboa. Os pais preencheram o *Parental Beliefs Questionnaire*, o *Child-Rearing Report Questionnaire* e o *Social Competence and Behavior Evaluation Scale* para avaliar as crenças parentais acerca da agressividade física, as práticas parentais e os comportamentos externalizantes das crianças. Os nossos resultados mostraram que foram observadas associações positivas entre as reações emocionais negativas e os relatos de restritividade parental, particularmente para as mães. Relatos parentais de maior recurso a estratégias antecipadas de apelo emocional associaram-se a relatos de menor cuidado e maior restritividade. Os relatos de comportamentos externalizantes na criança associaram-se negativamente com reações emocionais de surpresa de pais e mães. Todavia, os relatos estratégias antecipadas de punição ou sugestão e objetivos de socialização centrados na criança a curto prazo apenas se associaram positivamente com os relatos de comportamentos externalizantes nos pais. Contrariamente à investigação anterior que mostrou a importância das atribuições causais, os nossos resultados parecem sugerir que a dimensão afetiva e cognitiva das crenças parentais relativa às expectativas parentais são aquelas que se associam aos relatos de práticas parentais e, em menor grau, de comportamentos externalizantes nas crianças.

**Palavras-Chave:** Crenças Parentais; Práticas Parentais; Comportamentos Externalizantes; Idade Pré-Escolar.

## **Abstract**

The parental information processing model establishes that the parents' beliefs regarding children's (mal)adaptive behaviours, such as physical aggression, are one of the factors that can be directly or indirectly associated (via parental practices) with children's externalizing behaviours. However, few studies have examined the associations between these variables, recognizing the multidimensional nature of parental beliefs (i.e., emotional reactions, causal attributions, socialization goals, anticipated strategies). The main aim of this thesis was to examine the associations between the multiple dimensions of mothers' and fathers' beliefs about physical aggression, parental practices, and externalizing behaviours at preschool age. The sample consisted of 169 mothers and 52 fathers of preschool-aged children (3-6 years), recruited in private preschools in Lisbon Metropolitan Area. All the parents completed the Parental Beliefs Questionnaire, the Child-Rearing Report Questionnaire and the Social Competence and Behavior Evaluation Scale to assess parental beliefs about aggression, parental practices, and children's externalizing behaviours. Our results showed that positive associations were observed between negative emotional reactions and reports of parental restrictiveness, particularly for mothers. Parental reports of greater use of anticipatory strategies involving emotional appeal were associated with reports of lower nurturance and greater restrictiveness. Reports of children's externalizing behaviors were negatively associated with emotional reactions of surprise from both mothers and fathers. However, reports of anticipatory strategies involving punishment or suggestion and short-term child-centered socialization goals were only positively associated with reports of externalizing behaviors for fathers. Contrary to previous research that highlighted the importance of causal attributions, our results seem to suggest that the affective and cognitive dimensions of parental beliefs related to parental expectations are those that are associated with reports of parental practices and, to a lesser extent, with reports of children's externalizing behaviors.

**Keywords:** Parental Beliefs; Parental Practices; Externalizing Behaviours; Preschool Age.

## ÍNDICE

<b>ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	8
<b>Desenvolvimento da Agressividade Física na Primeira Infância</b> .....	8
<b>Crenças Parentais</b> .....	10
<b>Crenças Parentais acerca da Agressividade Física nos Anos Pré-Escolares</b> .....	13
<b>Práticas Parentais</b> .....	14
<b>Comportamentos Externalizantes nos Anos Pré-Escolares</b> .....	16
<b>Associações entre as Crenças Parentais e Comportamentos Externalizantes</b> .....	18
<b>Associações entre as Crenças Parentais e Práticas Parentais</b> .....	20
<b>Associações entre as Práticas Parentais e os Comportamentos Externalizantes nos Anos Pré-Escolares</b> .....	22
<b>Objetivos e Hipóteses de Investigação</b> .....	25
<b>METODOLOGIA</b> .....	27
<b>Participantes</b> .....	27
<b>Instrumentos</b> .....	27
<i>Parental Beliefs Questionnaire</i> .....	27
<i>Child-Rearing Report Questionnaire (CRPR-Q)</i> .....	28
<i>Social Competence and Behavior Evaluation Scale (SCBE-30)</i> .....	29
<b>Procedimento</b> .....	30
<b>Análise de Dados</b> .....	30
<b>RESULTADOS</b> .....	34
<b>DISCUSSÃO</b> .....	51
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	61

## ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### Desenvolvimento da Agressividade Física na Primeira Infância

A agressividade é definida como um ato intencional de ferir, magoar ou prejudicar um indivíduo (Dodge et al., 2006) que inclui comportamentos diretos (e.g., bater, insultos verbais) e indiretos (e.g., espalhar rumores, excluir os pares, Murray Close et al., 2016; Ostrov et al., 2018). Segundo uma perspetiva evolucionária-ecológica, a agressividade pode ser entendida como um elemento adaptativo do repertório de comportamento social humano que organiza aspetos da estrutura social (Vaughn & Santos, 2007). Assim, o comportamento agressivo é considerado esperado e normativo em vários contextos interpessoais ao longo do ciclo de vida. Por exemplo, a hierarquia de estatuto social, baseada nas trocas agressivas, é observada nos grupos de pares de crianças e adolescentes (Vaughn & Santos, 2007). Por outro lado, as estratégias agressivas podem ser utilizadas de forma bem-sucedida para resolver conflitos entre os indivíduos que interagem, associar-se a resultados positivos e ser observadas nos indivíduos mais competentes (Vaughn & Santos, 2007).

Um dos tipos de agressividade mais frequente, nos anos pré-escolares, é a agressividade física. A agressividade física define-se como a utilização ou ameaça da força física (e.g. bater, beliscar, empurrar, morder) com o propósito de causar algum tipo de sofrimento, prejuízo ou dano a um indivíduo (Dodge et al., 2006). Contudo, comportamentos como a brincadeira de lutas ou jogos de perseguição que não tenham a intenção de ferir ou prejudicar alguém não são considerados atos de agressividade física (Dodge et al., 2006; Ostrov et al., 2018). As primeiras manifestações de agressividade têm origem na emoção humana de raiva que, prepara o corpo fisiológica e psicologicamente para iniciar uma atividade de autoproteção (Dodge et al., 2006). A frequência e intensidade do conflito, da raiva e da agressividade física tende a aumentar no final do primeiro ano e início do segundo ano de vida (Lansford, 2018; Stifter et al., 1999). Segue-se um decréscimo na agressividade física que coincide com o desenvolvimento gradual das competências de linguagem e de regulação emocional que conduz as crianças a utilizar mais estratégias cognitivas e a adquirir maior controlo, ajudando-as a evitar agredir as outras crianças (Dodge et al., 2006; Hay, 2017).

Segundo uma perspetiva evolucionária-ecológica, os comportamentos agressivos tornam-se maladaptativos quando a iniciação repetida de estratégias agressivas para

resolver conflitos de interesse não conduzem a resultados favoráveis para o indivíduo que as mobilizou, quer a curto, quer a longo prazo (Vaughn & Santos, 2007). Para Lansford (2018), comportamentos agressivos maladaptativos podem ser entendidos como o resultado da interação entre as próprias características da criança (e.g. temperamento, fatores genéticos), dos contextos sociais em que a criança está inserida (nomeadamente, os grupos de pares), dos comportamentos parentais e das normas culturais sobre a aceitação da agressividade (Huesmann & Guerra, 1997). Neste sentido, as características individuais, os contextos sociais e as normas sociais podem, consoante a sua natureza, atuar como fatores protetores ou de risco que contribuem para o desenvolvimento de comportamentos agressivos desadaptativos (Hay, 2017; Lansford, Skinner et al., 2012).

Ao longo dos anos têm sido realizados diversos estudos que analisaram as diferenças no comportamento fisicamente agressivo na infância, em função do sexo (Tremblay & Côté, 2019). Estes estudos concluíram que as diferenças existentes nos dois sexos, na forma e frequência dos comportamentos fisicamente agressivos, não são significativas nos primeiros dois anos de vida (Dodge et al., 2006). Porém, as diferenças de sexo tornam-se mais evidentes nos anos pré-escolares (Lansford, Skinner et al., 2012). A investigação conduzida em diferentes países tem demonstrado, de forma consistente, que os rapazes demonstram níveis mais elevados de agressividade física por comparação com as raparigas (Lansford, 2018; Tremblay & Côté, 2019).

São vários os fatores que podem contribuir para estas diferenças entre rapazes e raparigas. A perspetiva evolutiva defende que estas diferenças se relacionam com o facto de as raparigas apresentarem mais qualidades relacionadas ao investimento na descendência, enquanto os rapazes são direcionados à competição (Archer, 2009; Tremblay & Côté, 2019). Os fatores biológicos também podem ser um fator que contribui para estas diferenças, uma vez que existem diferenças hormonais e cerebrais entre raparigas e rapazes (Hay, 2017). Por sua vez, outras perspetivas incidem nos fatores sociais e contextuais, defendendo que as diferenças de sexo na agressividade física se relacionam com a forma como os pais socializam e educam os filhos e com o contexto onde estão inseridos (Tremblay & Côté, 2019) e com as normas sociais e culturais que estabelecem expectativas específicas sobre os comportamentos apropriados na interação com os pares com rapazes e raparigas (Lansford, Skinner et al., 2012). Especificamente, as raparigas são socializadas pelos pais para cuidar, enquanto os rapazes são socializados para a competição (Tremblay & Côté, 2019).

## **Crenças Parentais**

As crenças parentais referem-se aos processos mentais que se associam à prestação de cuidados e à educação das crianças, refletindo um tipo particular de cognição social do adulto (Holden, 2019). Segundo Holden (2019), as crenças parentais são importantes, por várias razões: (1) guiam a resolução de problemas e a tomada de decisões do dia-a-dia, à medida que os pais cuidam e orientam o desenvolvimento dos seus filhos; (2) influenciam o comportamento dos pais; (3) associam-se ao desenvolvimento da criança; (4) são modificáveis através da intervenção, possibilitando a promoção de comportamentos parentais adaptativos; e (5) associam-se ao bem-estar emocional dos pais.

Entre os diferentes tipos de crenças parentais, encontram-se as crenças parentais que se referem a crenças descritivas não-avaliativas (Holden, 2019). Especificamente, as crenças parentais podem ser entendidas como crenças que os pais aceitam como reais ou verdadeiras, adquiridas pela educação e pela experiência (Bornstein, 2005; Holden, 2016). Estas crenças captam, assim, a forma de compreensão dos pais acerca de algum domínio particular de desenvolvimento dos seus filhos que pode não ser factual ou precisa, mas representa aquilo que os pais acreditam ser verdade (Holden, 2019).

Segundo Rubin e Mills (1992), as crenças parentais acerca dos comportamentos sociais maladaptativos das crianças, tais como a agressividade física, devem merecer particular atenção. De facto, as relações sociais assumem um papel central na nossa vida do dia-a-dia, de tal modo que os comportamentos socialmente competentes são essenciais para o desenvolvimento adaptativo das crianças (Rubin & Mills, 1992). Tal é particularmente importante nos anos pré-escolares, durante os quais o envolvimento positivo no grupo de pares se constitui como uma questão desenvolvimental central (Sroufe et al., 1999).

O modelo de processamento da informação parental (Rubin et al., 1989) assume uma abordagem multidimensional e compreensiva às crenças parentais acerca dos comportamentos sociais (mal)adaptativos das crianças (*sistema de crenças*), definindo-as como um conjunto de processos afetivos e cognitivos, concetualizados com base em quatro dimensões: (1) as reações emocionais; (2) as atribuições causais; (3) os objetivos de socialização; e (4) as estratégias antecipadas (Mills & Rubin, 1990; Özdemir & Cheah, 2015).

No modelo do processamento parental (Rubin et al., 1989), as reações emocionais são entendidas como as experiências afetivas ou os sentimentos espoletados pelos comportamentos sociais (mal) adaptativos das crianças (Cheah, 2004; Özdemir & Cheah, 2015). Embora sejam frequentemente entendidas como traços estáveis globais (Özdemir & Cheah, 2015), as reações emocionais dos pais referem-se, neste contexto, às emoções que podem emergir durante a interação com a criança em resposta aos seus comportamentos sociais (mal) adaptativos, tais como o orgulho, a alegria, o embaraço, a raiva ou a tristeza (Leerkes & Augustine, 2019). Estas reações emocionais assumem um papel central no contexto de prestação de cuidados parentais (Özdemir & Cheah, 2015), uma vez que podem ser a causa e a consequência dos processos cognitivos (Bugental, 1992) que subjazem às crenças parentais sobre os comportamentos sociais maladaptativos das crianças.

Entre esses processos cognitivos, encontram-se as atribuições causais. As atribuições causais referem-se às inferências que os pais fazem sobre a causa e/ou motivação do comportamento social (mal) adaptativo da criança (Dix, 1992), em resposta aos diferentes acontecimentos que ocorrem no dia-a-dia (Bornstein, 2005; Weiner, 1995). De acordo com a tipologia de Weiner (1995), as atribuições causais pressupõem inferências sobre: (a) o locus ou responsabilidade pelo comportamento, (b) a estabilidade temporal do comportamento e, (c) controlabilidade ou intencionalidade do comportamento. De uma forma mais específica, as atribuições causais revelam, assim, a forma como os pais entendem a origem, a estabilidade temporal e a intencionalidade dos comportamentos das crianças, influenciando significativamente a forma como atendem às suas necessidades (Coplan et al., 2002), as suas respostas comportamentais e reações emocionais (Weiner, 1995). Por conseguinte, as atribuições causais dos pais podem ser classificadas como internas ou externas (Cheah & Park, 2006; Dix & Grusec, 1985). As atribuições internas referem-se a inferências em que os comportamentos sociais maladaptativos das crianças são percebidos como o resultado de fatores de personalidade, intencionais e estáveis ao longo do tempo. Pelo contrário, as atribuições externas remetem para inferências em que os comportamentos sociais maladaptativos das crianças são percebidos como causados pelas situações e/ou circunstâncias, não-intencionais e transitórios.

Por sua vez, os objetivos de socialização podem ser entendidos como os resultados que os pais desejam e procuram alcançar para os seus filhos, para as suas práticas

educativas e para a sua própria família, numa determinada situação (Holden, 2019). Estes resultados desejados são específicos, concretos e orientados para o futuro próximo (*objetivos a curto prazo*) ou para o futuro mais longínquo (*objetivos a longo prazo*), e são eles que comunicam, explícita ou implicitamente, os valores parentais (Bornstein, 2005; Holden, 2019). De acordo com Mills e Rubin (1990), é possível distinguir três tipos de objetivos de socialização: (a) objetivos de socialização centrados na criança; (b) objetivos de socialização sociais; e (c) objetivos de socialização centrados nos pais. Os pais orientados por objetivos de socialização centrados na criança procuram alcançar a satisfação, a compreensão e a valorização das necessidades emocionais da criança a curto prazo (Dix, 1992; Hastings & Rubin, 1999) ou transmitir à criança um valor ou ensinamento importante (e.g., promoção da competência social da criança) a longo prazo (Cheah & Rubin, 2004; Özdemir & Cheah, 2015). Por sua vez, os pais orientados por objetivos de socialização sociais procuram ajudar a criança a dar-se bem com os pares a curto prazo ou a lidar com os outros nas situações sociais no futuro (Mills & Rubin, 1990; Özdemir & Cheah, 2015). Por oposição, os objetivos de socialização centrados nos pais refletem o desejo de promover a obediência a curto prazo ou o cumprimento de regras e o comportamento respeitoso por parte da criança a longo prazo (Cheah & Rubin, 2004; Özdemir & Cheah, 2015).

Os objetivos de socialização relacionam-se com as estratégias antecipadas dos pais (Mills & Rubin, 1992). As estratégias antecipadas dos pais remetem para as expectativas dos pais (Holden, 2019), isto é, para as suas cognições acerca das formas apropriadas de responder aos comportamentos sociais maladaptativos das crianças (Cheah, 2004). Segundo o modelo de processamento da informação parental (Rubin et al., 1989), é possível distinguir dois tipos de estratégias antecipadas: (a) estratégias antecipadas proativas; e (b) estratégias antecipadas reativas. As estratégias antecipadas proativas remetem para respostas promotoras do comportamento socialmente competente (e.g. dar sugestões à criança de como se comportar; ajudar a criança a encontrar solução para o seu problema) nas crianças (Mills & Rubin, 1992). Por oposição, as estratégias antecipadas reativas referem-se a respostas que têm como objetivo modificar ou eliminar os comportamentos sociais mal adaptativos (e.g. punição; retirada de privilégios; isolar a criança) das crianças (Mills & Rubin, 1992; Özdemir & Cheah, 2015).

## **Crenças Parentais acerca da Agressividade Física nos Anos Pré-Escolares**

Mills e Rubin (1990) realizaram um estudo com 122 mães e 67 pais de crianças em idade pré-escolar (4 anos) com o principal objetivo de analisar as crenças das mães e dos pais sobre os comportamentos de agressividade física e o retraimento social das crianças em idade pré-escolar. Foram apresentados cenários hipotéticos de comportamentos de agressividade física, seguidos de perguntas acerca das reações emocionais e atribuições causais aos comportamentos apresentados. As respostas dos pais e das mães foram comparáveis no que se refere às reações emocionais, às atribuições causais e às estratégias antecipadas em relação aos comportamentos de agressividade física. Relativamente ao sexo da criança, as mães demonstraram emoções mais negativas para com os comportamentos agressivos das filhas, sendo mais exigentes com as mesmas, contrariamente aos filhos. Por sua vez, os pais tendiam a reagir com mais frequência e preocupação aos comportamentos agressivos das filhas do que dos filhos. Ambos os pais responderam de forma mais negativa, com estratégias punitivas, controladoras e diretivas face ao comportamento agressivo (Mills & Rubin, 1990).

Outras investigações realizadas, até ao momento, centraram-se na descrição do sistema de crenças das mães (i.e., reações emocionais, atribuições causais, objetivos de socialização e estratégias antecipadas) acerca dos comportamentos de agressividade física (e.g., Cheah & Park, 2006; Cheah & Rubin, 2004; Özdemir & Cheah, 2015) por comparação com os comportamentos socialmente retraídos, em diferentes contextos culturais (e.g., China, Turquia, Coreia, EUA). Segundo o modelo de Bronfenbrenner (1996), a cultura (e.g. diferenças étnicas, normas sociais, valores culturais, expectativas familiares, tradições, contexto ambiental) pode influenciar a parentalidade, uma vez que pode modelar a forma como os pais pensam, sentem e a forma como interagem e reagem aos diferentes comportamentos sociais das crianças, incluindo crianças que apresentem comportamentos agressivos (Rubin et al., 2013). Estudos realizados compararam as crenças de mães de culturas asiáticas e mães europeias e americanas em relação aos comportamentos de agressividade física nos anos pré-escolares (e.g., Cheah & Park, 2006; Cheah & Rubin, 2004; Özdemir & Cheah, 2015). Globalmente, estes estudos demonstraram que os comportamentos agressivos das crianças tendem a despoletar reações emocionais maternas caracterizadas por níveis mais elevados de ansiedade, stress, tristeza, frustração e culpa por comparação com os comportamentos socialmente retraídos nas diferentes culturas (e.g., Cheah & Parke, 2006; Cheah & Rubin, 2004; Özdemir &

Cheah, 2015). Por outro lado, os estudos têm mostrado que as mães europeias atribuem os comportamentos agressivos a causas internas (e.g. personalidade da criança, problemas de saúde mental), mas também a causas externas (e.g. contextos sociais) e consideram-nos mais intencionais que os comportamentos retraídos. Para lhes dar resposta, as mães europeias tendem a orientar-se por objetivos centrados na criança (i.e., promoção da autonomia, competência social e cooperação), antecipando como adequadas estratégias mais punitivas, controladoras e firmes para os comportamentos agressivos (Özdemir & Cheah, 2015). Por sua vez, as mães de culturas asiáticas, consideravam também que os comportamentos de agressividade física dos seus filhos estavam diretamente associados a influências externas (e.g. influências sociais, media, contexto escolar) e à falta de disciplina, contrariamente à cultura europeia e americana (Cheah & Park, 2006; Cheah & Rubin, 2004). Por conseguinte, as estratégias antecipadas maternas, na cultura asiática, tendiam a ser menos compreensivas, mais agressivas e a caracterizar-se por um maior recurso à maior punição física (Cheah & Park, 2006; Cheah & Rubin, 2004). Estas estratégias antecipadas eram maioritariamente orientadas por objetivos de socialização centrados nas mães, mas também nas crianças (Cheah & Park, 2006; Cheah & Rubin, 2004).

### **Práticas Parentais**

O modelo de processamento de informação parental (Rubin et al., 1989) estabelece que as crenças dos pais em relação aos comportamentos (mal)adaptativos da criança, tais como a agressividade física, representam um dos múltiplos fatores (e.g., nível socioeconómico, situação profissional, funcionamento psicológico, conflito conjugal, redes de apoio social) que podem associar-se às práticas parentais.

As práticas parentais referem-se ao conjunto de comportamentos, estratégias e atitudes que os pais utilizam na educação dos filhos (Darling & Steinberg, 1993). São definidas por conteúdos específicos e objetivos de socialização e são utilizadas pelos pais de forma a ajudarem as crianças a atingirem os seus objetivos (Areepattamannil, 2010; Darling & Steinberg, 1993). As práticas parentais têm, por isso, um impacto direto no desenvolvimento de comportamentos específicos na criança (Darling & Steinberg, 1993).

As práticas parentais distinguem-se dos estilos parentais que se referem a um conjunto de atitudes que os cuidadores têm em relação à criança, expressas através de padrões comportamentais, estáveis e consistentes, que criam um clima emocional em que

os comportamentos parentais são expressos (Darling & Steinberg, 1993). Os estilos parentais são exibidos diariamente no contexto das interações pais-filhos (Darling & Steinberg, 1993) e, segundo Baumrind (1971), podem ser agrupados em quatro categorias distintas: (1) autoritativo (estilo equilibrado com regras e apoio); (2) autoritário (exigente/controlador); (3) permissivo (poucas regras/exigência); e (4) negligente (pouco envolvimento emocional/controlado). A tipologia de Baumrind defendia que os comportamentos parentais podem ser influenciados por crenças culturais, normas sociais e pelas próprias exigências do contexto familiar (Darling & Steinberg, 1993).

Maccoby e Martin (1983) integraram a abordagem tipológica de Baumrind (1971) com os trabalhos iniciais, derivadas dos modelos psicodinâmicos e de aprendizagem social, que descreveram os comportamentos parentais, com base num número reduzido de dimensões relativamente semelhantes (Darling & Steinberg, 1993). Para Maccoby e Martin (1983) e Baumrind (1971), os comportamentos parentais podem ser descritos com base em dois processos específicos: (a) o número e o tipo de exigências feitas pelos pais; e (b) a contingência do comportamento parental e do comportamento da criança. Estes contributos teóricos e empíricos convergiram para a definição de duas dimensões centrais para a descrição das práticas parentais: (1) o cuidado ou responsividade; e (2) o controlo ou exigência parental (Darling & Steinberg, 1993). O cuidado ou a responsividade parental remete para comportamentos de presença, aceitação e apoio, que promovem a autoafirmação e autorregulação da criança (Baumrind, 1991; Maccoby & Martin, 1983). Por sua vez, o controlo ou exigência parental refere-se a comportamentos de monitorização, execução de regras e ações disciplinares (Baumrind, 1991).

Os estudos conduzidos até à data têm avaliado as práticas parentais de forma muito diversa e mostrado resultados inconsistentes relativamente à (in)existência de diferenças nos relatos de práticas parentais em idade pré-escolar, em função do sexo e da idade da criança. Por um lado, existem estudos que mostraram que as mães relatam práticas parentais mais positivas, menos coercivas e menos controladoras em relação às filhas por comparação com os filhos (Sebre et al., 2015). Por outro lado, existem estudos que não identificaram diferenças significativas nos relatos dos pais em relação às práticas de responsividade e controlo em idade pré-escolar em função do sexo da criança (Olson et al., 2005). No que toca à idade da criança, alguns estudos evidenciaram que as mães relatam um aumento das práticas parentais positivas à medida que a idade da criança

avança (e.g., Okorn et al., 2022), enquanto outros evidenciam o inverso (e.g., Klein et al., 2018).

### **Comportamentos Externalizantes nos Anos Pré-Escolares**

Os comportamentos externalizantes consistem em padrões frequentes e persistentes de indisciplina assinalados por comportamentos impulsivos que causam um impacto negativo no contexto onde estão inseridos, como desobediência, inquietude, provocação, agressividade, contestação, quebra de regras, entre outros (Achenbach, 2017; Kauten & Barry, 2020). Nos anos pré-escolares, os comportamentos externalizantes, tendem a remeter para comportamentos agressivos, egoístas e de oposição, estando significativamente associados à regulação e à expressão emocional das crianças (Daoust et al., 2021; LaFreniere & Dumas, 1996). A presença destes comportamentos pode aumentar a probabilidade de consequências negativas futuras, como dificuldades acadêmicas e profissionais, problemas relacionais e sociais (e.g. isolamento social; conflitos familiares; bullying; desemprego), envolvimento em comportamentos de risco (e.g. abuso de substâncias; jogo compulsivo; agressividade; delinquência), problemas de saúde mental (e.g. ansiedade; depressão; solidão; suicídio) e dificuldades de regulação emocional (Kauten & Barry, 2020; Pião et al., 2022).

Vários estudos examinaram os relatos dos educadores de infância e dos pais (com especial ênfase nas mães) acerca dos comportamentos externalizantes das crianças em idade pré-escolar, em função do sexo e da idade da criança. Estes estudos conduzidos em diferentes culturas têm apresentado resultados consistentes.

Por exemplo, LaFreniere e Dumas (1996) examinaram as diferenças nos relatos das educadoras de infância nos comportamentos externalizantes em crianças do pré-escolar dos EUA, em função do sexo e da idade. Verificaram que, segundo os educadores de infância, os rapazes apresentam mais comportamentos de raiva-agressão e menos competências sociais, contrariamente às raparigas. Concluíram, igualmente, que a competência social tende a aumentar com a idade. No mesmo sentido, LaFreniere et al., (2002) realizaram uma investigação multinacional, numa amostra de 4.640 crianças em idade pré-escolar, de oito países diferentes (Áustria, Brasil, Canadá, Itália, China, Japão, Rússia, EUA). Nesta investigação concluíram que, segundo os educadores de infância, as crianças do sexo masculino eram descritas como mais agressivas e socialmente menos competentes, contrariamente às crianças do sexo feminino. Relativamente à idade das

crianças, este estudo mostrou que, nos oito países, as competências sociais aumentam à medida que a idade da criança avança. No mesmo ano, Chen e Jiang (2002) realizaram um estudo com a população chinesa que incluiu 370 crianças do pré-escolar (3-5 anos). De acordo com o relato dos educadores, este estudo concluiu que a competência social aumenta com idade da criança. Contudo, Chen e Jiang (2002) não observaram associações entre a idade e a raiva-agressividade. No que se refere às diferenças de sexo, este estudo demonstrou que os rapazes apresentavam níveis superiores relativamente às raparigas na raiva-agressividade, verificando-se o contrário na dimensão de competência social. Resultados comparáveis foram encontrados em estudos conduzidos em amostras de educadores portugueses (Echeverria et al., 2016).

Os estudos conduzidos com pais têm apontado no mesmo sentido. Por exemplo, Caughy et al. (2016) examinaram as diferenças de sexo e de idade nos comportamentos externalizantes numa amostra de 209 crianças hispânicas. Segundo o relato das mães, os comportamentos externalizantes diminuíram entre os 2 anos e meio e os 3 anos e os rapazes apresentaram mais comportamentos externalizantes do que as raparigas. Roskam et al. (2017) verificaram que os pais e as mães belgas e vietnamitas relatam mais comportamentos externalizantes nas crianças mais velhas e de sexo masculino do que nas crianças mais novas e de sexo feminino.

Mais recentemente, Fernandes et al. (2020) avaliaram os relatos de mães, pais e educadores, numa amostra de 369 crianças (173 rapazes, 196 raparigas) em idade pré-escolar. Concluíram que existe uma maior convergência nos relatos dos pais e das mães do que com os relatos dos educadores, sendo que ambos os pais partilham uma perspetiva semelhante sobre o comportamento da criança. Os pais apresentaram maiores dificuldades na distinção entre comportamentos externalizantes e comportamentos internalizantes. Ambos os pais e educadores descreveram as raparigas como mais socialmente competentes. As mães e educadores descreveram, ainda, os rapazes como socialmente mais agressivos, contrariamente aos pais. Estes resultados salientam a importância de considerar o relato de ambos os pais e educadores de infância sobre os comportamentos externalizantes das crianças. De facto, os diferentes contextos, conhecimentos, preocupações, expectativas e experiências, influenciam diretamente as perceções de ambos os pais e dos educadores (Fernandes et al., 2020). Neste sentido, ambos os pais presenciaram diferentes tipos de comportamento, existindo uma maior familiaridade com os filhos em diversos contextos e partilham mais sinais físicos,

emocionais e verbais com os mesmos. Já os educadores, mesmo tendo mais competências acadêmicas sobre o desenvolvimento infantil e uma maior diversidade de crianças presenciais apenas um único contexto, o contexto escolar.

### **Associações entre as Crenças Parentais e Comportamentos Externalizantes**

As associações dos comportamentos externalizantes das crianças com as crenças parentais, com as suas dimensões inerentes, têm sido pouco estudadas empiricamente ao longo dos anos. Embora as crenças parentais sejam um construto multidimensional (Rubin et al., 1989), a maioria da investigação focou-se nas associações entre as atribuições causais dos pais e os relatos de comportamentos externalizantes das crianças (Kil et al., 2021). Por exemplo, Nix et al. (1999) analisaram a relação entre as atribuições hostis maternas e os problemas comportamentais dos filhos, numa amostra composta por 277 mães de crianças em idade pré-escolar (3 aos 5 anos) de três diferentes regiões dos EUA. Estes autores concluíram que as atribuições maternas hostis em relação aos comportamentos dos seus filhos estão positivamente associadas aos comportamentos externalizantes das crianças em idade escolar. Anos mais tarde, Nelson et al. (2013) realizaram um estudo com o objetivo de examinar de que forma as atribuições parentais de responsabilidade negativa acerca dos comportamentos dos seus filhos (i.e., grau em que a criança se porta mal de forma intencional por uma motivação egoísta e é merecedora de punição pelo seu comportamento) se associam aos relatos parentais de comportamentos externalizantes. Este estudo contou com a participação de 102 mães e pais (que viviam em casal) de crianças com 7 anos de idade. Os investigadores concluíram que atribuições parentais de responsabilidade negativa acerca dos comportamentos dos seus filhos se associam positivamente a relatos parentais de comportamentos externalizantes nas crianças. Estas associações foram observadas quer para o pai e para a mãe individualmente, quer para os pais enquanto casal (Nelson et al., 2013). No mesmo sentido, Colalillo et al. (2015) examinaram as associações entre os relatos de pais e mães acerca das atribuições de causalidade (i.e., intencionalidade da criança em comportar-se de forma desadequada) e dos comportamentos externalizantes (delinquência e agressividade) dos seus filhos. Neste estudo, participaram 163 pais e mães com crianças, de ambos os sexos, entre os 9 e os 12 anos de idade. Este estudo evidenciou pais e mães que relatam que os seus filhos se comportam de forma desadequada de forma intencional relatam também mais comportamentos externalizantes nos seus filhos. Por sua vez, Park et al. (2018) conduziram um estudo numa amostra comunitária de 178 díades pais-mães

de crianças entre os 9 e os 12 anos. Neste estudo, apenas as atribuições causais paternas negativas revelaram associações positivas com os relatos paternos de comportamentos externalizantes nas crianças. Contrariamente aos estudos anteriores, não foram observadas associações estatisticamente significativas entre os relatos maternos de atribuições causais maternas negativas (i.e., mais causados pela personalidade da criança, mais estáveis e intencionais) e de comportamentos externalizantes nas crianças (Park et al., 2018). Mais recentemente, Kil et al. (2021) conduziram uma revisão sistemática em que, entre outros aspetos, foram sintetizadas as associações entre as atribuições causais dos pais em relação aos comportamentos das crianças e as perturbações de comportamentos externalizantes nas crianças. Dos cinco estudos retidos, esta revisão sistemática concluiu que a maioria (80%) evidenciou que os pais de crianças com perturbações externalizantes têm maior propensão para fazer atribuições causais enviesadas em relação aos comportamentos dos seus filhos (i.e., intencionalidade de a criança se comportar mal) por comparação com os pais de crianças que não apresentam este tipo de perturbações (Kil et al., 2021).

São menos os estudos empíricos que têm examinado as associações entre as restantes dimensões de crenças parentais e os relatos de comportamentos externalizantes das crianças. No que se refere às *emoções parentais*, a maioria da investigação existente tem-se centrado mais nas emoções negativas ou sintomas emocionais negativos relatados pelos pais (e.g., Denham et al., 2000; Gamliel et al., 2018) do que nas reações emocionais que emergem durante as interações pais-crianças, em resposta aos seus comportamentos sociais maladaptativos (Özdemir & Cheah, 2015). Por exemplo, Denham et al. (2000) examinaram as associações entre as emoções parentais e os problemas comportamentais de crianças em idade pré-escolar. Concluíram que a raiva parental estava positivamente associada aos comportamentos externalizantes nas crianças e que contribuía para a continuação destes mesmos problemas comportamentais ao longo do tempo. Numa amostra de 60 famílias israelitas de crianças em idade pré-escolar, Gamliel et al. (2018) mostraram que apenas os relatos paternos de sintomas de ansiedade se associam positiva e diretamente com os relatos parentais de comportamentos externalizantes nas crianças.

No que toca aos objetivos de socialização, os estudos de Raval et al. (2014) e Raval et al. (2018) exploraram as suas associações com os relatos maternos de comportamentos externalizantes das crianças, em amostras de crianças do 6º e do 7º ano de escolaridade oriundas da Índia e da China. Estes estudos não observaram associações

significativas entre os relatos maternos acerca dos seus objetivos de socialização (quer orientados para a promoção da autonomia da criança, quer orientados para a obediência aos pais) e dos comportamentos problemáticos dos seus filhos (Raval et al., 2014, 2018).

A compreensão das associações entre a dimensão de *estratégias parentais antecipadas* (i.e., cognições acerca das formas apropriadas de dar respostas aos comportamentos das crianças) e os relatos de comportamentos externalizantes nas crianças continua por clarificar. Contudo, a investigação de Denham et al. (2000) mostrou que as estratégias parentais proativas (e.g. apoio; comunicação clara; estabelecimento de regras e limites) se associam a menores comportamentos externalizantes ao longo do tempo. No mesmo sentido, o estudo de Gardner et al. (2007) mostrou que a promoção de estratégias parentais proativas (e.g., sugerir atividades construtivas à criança, recompensá-la ou recorrer a estratégias de brincadeira) e da sua utilização preventiva se associava a relatos parentais de menores comportamentos problemáticos, numa amostra de crianças dos 2 aos 3 anos. Por sua vez, Lansford, Wager et al. (2012) mostraram que os relatos de comportamentos externalizantes nas crianças pelos educadores de infância se associaram positivamente com relatos de estratégias disciplinares reativas (e.g., punição física, retirada de privilégios, falar em tom de voz elevado) pelas mães euro-americanas no 1º e no 3º ano de escolaridade, mas não pelas mães afro-americanas. Este estudo evidenciou também relatos de estratégias parentais reativas (punição física ou retirada de privilégios) em mães de crianças euro-americanas e afro-americanas no 1º e do 3º ano de escolaridade se associaram positivamente com relatos de comportamentos externalizantes por parte dos professores no 4º ano de escolaridade (Lansford, Wager et al., 2012).

### **Associações entre as Crenças Parentais e Práticas Parentais**

O modelo do processamento da informação parental (Rubin et al., 1989) também estabelece que as crenças parentais se associam com as práticas parentais. Contudo, os poucos estudos empíricos existentes sobre este tópico têm essencialmente examinado as associações entre a dimensão de *atribuições causais* e as práticas parentais.

Por exemplo, Nix et al. (1999) concluíram que as práticas parentais de controlo coercivo medeiam as associações positivas entre as atribuições maternas hostis e os comportamentos externalizantes das crianças. Park et al. (2018) conduziram um estudo numa amostra comunitária de 178 díades pais-mães de crianças entre os 9 e os 12 anos.

Foram observadas associações positivas entre relatos maternos e paternos de atribuições causais negativas acerca dos comportamentos dos seus filhos (i.e., mais causados pela personalidade da criança, mais estáveis e intencionais) e relatos de práticas parentais caracterizadas pelo controlo coercivo (e.g., punição física ou agressividade verbal), pela reduzida monitorização e pela inconsistência (e.g., ameaçar, punir e não o fazer). Atribuições causais parentais mais positivas acerca dos comportamentos dos seus filhos (i.e., mais causados por fatores externos, mais instáveis e menos intencionais) mostraram associações positivas com relatos de práticas parentais mais positivas. Park et al. (2018) concluíram que as práticas parentais de controlo coercivo mediam as associações entre as atribuições causais negativas em relação aos comportamentos da criança e os relatos de comportamentos externalizantes na criança para ambos os pais. O papel mediador das práticas parentais de controlo coercivo nas associações negativas entre as atribuições causais positivas em relação aos comportamentos das crianças e os comportamentos externalizantes foi observado para os pais, mas não para as mães. Mais recentemente, Kil et al. (2020) conduziram um estudo numa amostra de 276 cuidadores primários de crianças entre os 6 e os 12 anos, diagnosticadas com comportamentos externalizantes (agressivos e delinquentes). Neste estudo, foram identificadas associações positivas entre relatos parentais de atribuições causais negativas acerca dos comportamentos dos seus filhos (i.e., intencionalidade da criança em comportar-se mal) e práticas parentais inconsistentes (e.g., ameaçar, punir a criança e não o fazer).

São menos os estudos que examinaram as associações entre as restantes dimensões das crenças parentais e as práticas parentais. No que se refere às *reações emocionais parentais*, Scarnier et al. (2009) evidenciaram que os relatos maternos de culpa se associavam positivamente com o recurso a estratégias parentais indutivas (e.g., explicar à criança as consequências do comportamento) perante comportamentos disruptivos hipotéticos de uma criança de seis anos de idade. Por oposição, estes autores (Scarnier et al., 2009) verificaram que os relatos maternos de vergonha e de raiva se associavam positivamente com a remoção de respostas parentais calorosas e com respostas parentais de controlo coercivo (e.g., bater, agarrar, dar uma bofetada).

No que se refere aos *objetivos de socialização*, Rao et al. (2003) concluíram que as mães de crianças em idade pré-escolar que tendem a valorizar a promoção do desenvolvimento socioemocional dos seus filhos tendem a evidenciar comportamentos parentais caracterizados por um maior equilíbrio entre o estabelecimento de regras e

limites claros e o incentivo à autonomia. Apesar de ter sido conduzido numa faixa etária distinta (i.e., jovens adultos) e de ter examinado os estilos parentais, o estudo de Li et al. (2010) também é dos poucos que explorou os objetivos de socialização. Este estudo mostrou que relatos de aceitação, respeito e encorajamento da independência do jovem se associavam positivamente com objetivos de socialização direcionados para o desenvolvimento do *self* (e.g., desejo de que a criança seja autónoma) e para o coletivismo (e.g., harmonia social, cooperação e orientação para o grupo) por parte da mãe. Por oposição, relatos de poder assertivo, estratégias punitivas e desencorajamento da participação democrática em relação ao jovem ou de monitorização/correção constante do comportamento do jovem mostraram associar-se positivamente a objetivos de socialização relacionados com o respeito à autoridade por parte da mãe. Do nosso conhecimento, as associações entre a dimensão de *estratégias parentais antecipadas* e os relatos de práticas parentais continuam por esclarecer.

### **Associações entre as Práticas Parentais e os Comportamentos Externalizantes nos Anos Pré-Escolares**

Pinquart et al. (2017) conduziram uma meta-análise, onde foram incluídos 1 435 estudos conduzidos até agosto de 2016, envolvendo um total de 1 053 288 crianças e adolescentes com média de idades de 11 anos. Esta meta-análise concluiu que existem associações negativas bidirecionais de pequena magnitude entre a dimensão de calor parental e os comportamentos externalizantes. Foram ainda observadas associações positivas bidirecionais de pequena magnitude entre o controlo parental coercivo e psicológico e os comportamentos externalizantes.

A meta-análise de Pinquart et al. (2017) concluiu que existem várias variáveis que podem funcionar como moderadoras das associações bidirecionais entre as práticas parentais e os comportamentos externalizantes. As associações entre as práticas parentais e os comportamentos externalizantes são de menor magnitude em amostras comunitárias (e.g. escolas) devido à sua variabilidade mais limitada contrariamente a amostras clínicas e/ou forenses. Esta meta-análise mostrou ainda que estas associações são de magnitude mais forte em crianças mais velhas, nos rapazes, quando o respondente é a mãe e quando as medidas avaliam perturbações de externalização.

Vários estudos examinaram as associações entre as práticas parentais e os comportamentos externalizantes nos anos pré-escolares, em diferentes contextos culturais.

Sebre et al. (2015) realizaram um estudo com 436 mães e pais de crianças em idade pré-escolar (3-6 anos de idade), com o objetivo de comparar as associações entre práticas parentais e comportamentos externalizantes em dois países (Letónia e Lituânia). O calor parental foi negativamente associado aos problemas externalizantes das crianças. O controlo parental coercivo e psicológico foi positivamente associado aos comportamentos externalizantes das crianças. Foram identificadas diferenças entre os países na associação entre controlo coercivo e psicológico paterno e os comportamentos externalizantes e entre o calor materno e a orientação para a punição materna e os comportamentos de externalização. O controlo psicológico dos pais estava positivamente associado a problemas comportamentais das crianças, na Letónia. Contudo, na Lituânia verificou-se que o controlo psicológico dos pais estava negativamente associado aos problemas comportamentais dos filhos em idade pré-escolar (3-6 anos).

Loginova e Slobodskaya (2017) conduziram um estudo sobre as associações entre as práticas parentais e os comportamentos externalizantes das crianças. Os participantes foram os cuidadores principais de 370 crianças do pré-escolar, residentes na Rússia que preencheram questionários relativamente às suas práticas parentais e aos comportamentos externalizantes dos seus filhos. Os resultados do estudo mostraram que as práticas de disciplina parental estão positivamente associadas aos comportamentos externalizantes da criança. As práticas parentais positivas estão, por sua vez, negativamente associadas aos comportamentos externalizantes das crianças. Contudo, as práticas parentais disfuncionais não são o único preditor dos comportamentos externalizantes das crianças, sendo a personalidade da criança um fator igualmente importante. Não foram encontradas diferenças significativas entre rapazes e raparigas, no que toca às associações entre as variáveis estudadas.

Olson e colaboradores (2017) realizaram um estudo longitudinal numa amostra de 218 crianças, de ambos os sexos, que foram avaliadas, primeiramente aos 3 anos de idade e seguidamente aos 5-6 anos de idade. Foi possível concluir que, maioritariamente, as crianças pequenas apresentam uma diminuição de comportamentos externalizantes ao longo dos anos escolares. Práticas parentais de punição física por parte de ambos os pais

e práticas de calor materno associam-se, respetivamente, a um aumento ou a uma diminuição dos comportamentos externalizantes das crianças ao longo do tempo.

Klein et al. (2018) analisaram as associações entre os comportamentos parentais (e.g. estabelecimento de regras e limites, punição e negatividade; calor; capacidade de resposta) e os problemas de comportamento de crianças em idade pré-escolar, numa amostra de 306 crianças e suas mães. Comportamentos parentais caracterizados pela negatividade aos 36 meses associaram-se a maiores níveis de frustração das crianças aos 54 meses. Comportamentos parentais emocionalmente calorosos e positivos por parte da mãe aos 36 meses associaram-se positivamente ao aumento dos esforços de autocontrolo da criança aos 54 meses. Concluiu-se que estas associações entre os comportamentos das crianças e os comportamentos parentais são bidirecionais.

Park et al. (2018) evidenciaram associações positivas entre relatos parentais de práticas negativas (e.g., punição corporal) e de comportamentos externalizantes na criança. Por oposição, este estudo evidenciou associações negativas entre práticas parentais positivas (e.g. estabelecimento de regras e limites; comunicação aberta e empática; reforço positivo) e os comportamentos externalizantes das crianças (Park et al., 2018).

Outro estudo foi conduzido com 109 crianças chinesas em idade pré-escolar (3-5 anos) e os respetivos pais, analisou as práticas parentais e os comportamentos externalizantes das crianças (Ren et al., 2018). Ren et al. (2018) concluíram que as práticas de apoio e cuidado parental se associam com menos comportamentos externalizantes nas crianças (Ren et al., 2018).

Coe et al. (2020) realizaram um estudo, com o objetivo de analisar as associações entre as práticas parentais e os comportamentos externalizantes das crianças. O estudo incluiu 243 crianças em idade pré-escolar (3-5 anos), com idade média de 4.60 anos, e os respetivos pais. As práticas parentais caracterizadas por menor suporte e apoio parental associaram-se negativamente com os comportamentos externalizantes nas crianças.

Num estudo transversal, Okorn et al. (2022) analisou as associações entre as práticas parentais positivas e as dificuldades socioemocionais das crianças do pré-escolar (3-5 anos), considerando a idade e o sexo dos cuidadores. Este estudo contou com a participação de 446 famílias, com idade média entre os 33-35 anos de idade. Os resultados

do estudo mostraram que práticas parentais de apoio por parte de ambos os pais se associaram negativamente com os comportamentos externalizantes das crianças. Contudo, concluíram também que as práticas de disciplina positiva dos pais estão positivamente associadas a níveis mais elevados de comportamentos externalizantes nas crianças. As associações anteriormente mencionadas não tenderam a mudar com a idade da criança.

Em resumo, os estudos conduzidos em diferentes contextos culturais em amostras de crianças em idade pré-escolar têm utilizado maioritariamente questionários preenchidos pelos pais. Apesar de utilizarem instrumentos diferentes, os resultados destes estudos têm sido consistentes, mostrando que as práticas parentais positivas (e.g. calor e afeto; comunicação aberta e empática; reforços positivos) estão negativamente associadas com os comportamentos externalizantes das crianças em idade pré-escolar. Contrariamente, as práticas parentais negativas (e.g. disciplina coerciva; controlo coercivo) mostraram-se positivamente associadas aos comportamentos externalizantes nas crianças em idade pré-escolar (3-6 anos).

### **Objetivos e Hipóteses de Investigação**

Tendo em conta as lacunas existentes no estado atual do conhecimento, esta dissertação de mestrado teve como principais objetivos: (1) descrever as crenças (i.e., reações emocionais, atribuições causais, objetivos de socialização e estratégias antecipadas) de mães e pais sobre os comportamentos fisicamente agressivos das crianças em idade pré-escolar (3-6 anos) e as suas práticas parentais, em função do sexo e da idade da criança; (2) descrever os relatos de mães e pais em relação aos comportamentos fisicamente agressivos em idade pré-escolar, em função do sexo e da idade da criança; (3) examinar as associações entre as crenças de mães e pais, as práticas parentais e os comportamentos externalizantes das crianças relatados por mães e pais.

Com base na literatura existente, no que se refere ao nosso primeiro objetivo de investigação, esperamos que as mães e os pais: (a) apresentem reações emocionais negativas (i.e., preocupação, raiva, vergonha, decepção) em relação aos comportamentos fisicamente agressivos; (b) atribuam estes comportamentos a fatores situacionais transitórios embora intencionais; (c) refiram com maior frequência objetivos de socialização centrados nos pais (estabelecer limites e conseguir a obediência da criança) para os comportamentos fisicamente agressivos; (d) antecipem com maior frequência que as estratégias mais punitivas, controladoras

e firmes como adequadas para os comportamentos fisicamente agressivos [H1]. Relativamente ao sexo da criança, hipotetizamos que as mães de raparigas demonstrem reações emocionais mais negativas em relação aos comportamentos fisicamente agressivos por comparação com as mães de rapazes. Esperamos ainda que os pais de raparigas tendam a reagir com mais preocupação aos comportamentos fisicamente agressivos do que os pais de rapazes [H2]. A escassez de literatura não nos permite estabelecer uma hipótese de investigação em relação às associações das crenças de mães e pais com a idade da criança. A inconsistência dos resultados da investigação não nos permite estabelecer uma hipótese de investigação para as diferenças nas práticas parentais, em função do sexo e da idade da criança.

No que toca ao nosso segundo objetivo de investigação, esperamos que as mães relatem mais comportamentos de raiva-agressão nos rapazes do que nas raparigas [H3]. A inconsistência dos resultados em relação às associações entre a idade da criança e os relatos de comportamentos externalizantes não nos permite estabelecer hipóteses de investigação.

Quanto ao nosso terceiro objetivo de investigação, esperamos que as atribuições causais negativas de mães e pais em relação aos comportamentos fisicamente agressivos das crianças se associem positivamente com os relatos de comportamentos externalizantes [H4]. Esperamos ainda que as atribuições negativas de mães e pais em relação aos comportamentos fisicamente agressivos (i.e., mais causados pela personalidade da criança, mais estáveis e intencionais) das crianças se associem positivamente com os relatos de práticas parentais caracterizadas por níveis mais elevados de controlo [H5]. Por oposição, esperamos que as atribuições positivas de mães e pais em relação aos comportamentos fisicamente agressivos se associem positivamente com relatos de práticas parentais caracterizadas por níveis mais elevados de calor e cuidado parental [H6]. A escassez de estudos empíricos sobre as restantes dimensões de crenças parentais (i.e., reações emocionais, objetivos de socialização e estratégias antecipadas) não nos permite estabelecer hipóteses de investigação em relação às suas associações com os relatos de práticas parentais e comportamentos externalizantes.

Com base na literatura, esperamos também que práticas caracterizadas por níveis mais elevados de cuidado e calor parental se associem negativamente aos relatos de comportamentos externalizantes [H7]. Esperamos ainda que práticas caracterizadas por níveis mais elevados de controlo parental se associem positivamente aos comportamentos externalizantes [H8].

## METODOLOGIA

### Participantes

A amostra da presente investigação foi constituída por 169 mães e 52 pais de crianças em idade pré-escolar (3-6 anos). Cinquenta e três por cento dos pais ( $n = 28$ ) preencheram os questionários em relação à mesma criança do que as mães. Constituíram-se como critérios de inclusão dos participantes: (1) ser pai ou mãe de uma criança com idade compreendida entre os 3 e os 6 anos; e (2) ter capacidade para ler e compreender a língua portuguesa. Foram excluídos os pais de crianças com diagnóstico de mutismo seletivo e de perturbações de desenvolvimento, segundo o relato dos pais.

As mães que participaram no estudo tinham, em média, 38 anos ( $DP = 4.90$ ). A maioria das mães era casada ou unida de facto ( $n = 143$ , 86%), classificando a qualidade da relação com o companheiro como muito positiva ( $M = 8.60$ ,  $DP = 1.68$ ) e tinha habilitações superiores ( $n = 145$ , 87%). As mães viviam, em média, com 3 pessoas ( $DP = 0.97$ ) e tinham, em média, 2 filhos ( $DP = 0.78$ ). Quanto às crianças em relação às quais as mães responderam aos questionários, estas tinham, em média, 51 meses ( $DP = 10.79$ ) e 52% ( $n = 87$ ) eram raparigas e 48% ( $n = 81$ ) eram rapazes.

Em contrapartida, os pais que participaram no estudo tinham, em média, 40 anos ( $DP = 4.04$ ). A maioria dos pais tinha habilitações superiores ( $n = 41$ , 82%) e era casado ou unido de facto ( $n = 48$ , 92%), classificando a qualidade da relação com a companheira como muito positiva ( $M = 8.83$ ,  $DP = 1.31$ ). Os pais viviam, em média, com 3 pessoas ( $DP = 0.83$ ) e tinham, em média, 2 filhos ( $DP = 0.74$ ). Quanto à idade das crianças em relação às quais os pais responderam aos questionários, estas tinham, em média, 57 meses ( $DP = 10.21$ ) e 58% ( $n = 30$ ) eram raparigas e 42% ( $n = 22$ ) eram rapazes.

### Instrumentos

*Ficha de dados sociodemográficos:* Esta ficha, constituída por duas partes, teve como principal objetivo recolher os dados sociodemográficos gerais das famílias. Na primeira parte da ficha, foi solicitado aos pais para preencherem um conjunto de perguntas acerca dos seus dados sociodemográficos gerais, nomeadamente o grau de parentesco com a criança, a idade, o estado civil, as habilitações literárias, a qualidade da relação com o pai ou a mãe da criança (com recurso a uma escala de 10 pontos, desde variando de 0 - *Nada Positiva* a 10 - *Extremamente Positiva*). Quando os pais

responderam ser casados ou unidos de facto, foi-lhes ainda solicitado para indicar a duração do casamento ou da união de facto. Quando os pais responderam ser divorciados ou separados, foi-lhes solicitado para indicar o tempo decorrido desde a separação ou divórcio. Além disso, foi pedido aos pais para indicarem o número de filhos e a idade dos mesmos, o número e o grau de parentesco com as pessoas com quem vive. Na segunda parte da ficha, os pais reportaram os dados sociodemográficos gerais da criança, nomeadamente a idade (em meses) e o sexo da criança.

Além disso, os participantes preencheram os seguintes questionários:

*Parental Beliefs Questionnaire* (Mills & Rubin, 1990): Este questionário tem como objetivo avaliar as crenças parentais sobre os comportamentos sociais das crianças, designadamente os comportamentos fisicamente agressivos e socialmente retraídos. Neste questionário, são apresentados quatro cenários (dois relativos a comportamentos de agressividade física e dois relativos a comportamentos socialmente retraídos) sobre os comportamentos sociais das crianças no contexto de brincadeira. Tendo em conta os objetivos de investigação, foram apenas utilizados os dois cenários referentes aos comportamentos fisicamente agressivos. Após cada cenário, são apresentadas seis perguntas aos pais. Na primeira pergunta, é solicitado aos pais para que avaliem o grau em que sentem diferentes emoções (e.g. zangado(a); desapontado(a); desgostoso(a); envergonhado(a); satisfeito(a); magoado(a); culpado(a); ansioso(a); surpreendido(a); confuso(a)) em relação ao comportamento descrito, numa escala de cinco pontos, desde 1 – *Nada* a 5 – *Extremamente*. De seguida, são apresentadas três perguntas para avaliar as atribuições dos pais acerca da causalidade, da intencionalidade e da estabilidade dos comportamentos descritos, respondidas numa escala de cinco pontos, variando, por exemplo, desde 1 – *Completamente causado pelo feitio da criança* a 5 – *Completamente causado pela situação*. O questionário inclui ainda duas perguntas abertas para avaliar os objetivos de socialização (“*O que é que a mãe ou o pai espera realmente conseguir, ao lidar com o comportamento da criança da forma como descreveu na resposta anterior? Quais são os objetivos da mãe ou do pai nesta situação?*”) e as estratégias antecipadas (*O que é que a mãe ou o pai deve fazer em relação ao comportamento da criança?*).

*Child-Rearing Report Questionnaire (CRPR-Q)* – Versão Portuguesa (Rickel & Biasatti, 1982; Ribeiro et al., 2021): Este questionário pretende avaliar as perceções dos pais acerca das suas práticas parentais e das suas atitudes em relação à parentalidade. Este

questionário, composto por 36 itens, respondidos numa escala de Likert de 6 pontos (1- *Discordo Completamente* a 6 – *Concordo Completamente*). Neste questionário, as práticas parentais são avaliadas em termos de duas dimensões: (1) a restritividade (18 itens) que remete para práticas parentais focadas no controlo do comportamento da criança, de acordo com os valores em que os pais acreditam; e (2) o cuidado (18 itens) que se refere a práticas focadas no afeto e na partilha de sentimentos. Na versão original, o CRPR-Q apresentou bons indicadores de consistência interna, com valores de alfa de Cronbach de .85 para restritividade e de .84 para o cuidado (Rickel & Biasatti, 1982). Na versão portuguesa, os alfas de Cronbach foram de .86 para restritividade e .83 para cuidado (Ribeiro et al., 2021). A versão original e a versão portuguesa apresentaram bons indicadores de validade. Na presente amostra, o alfa de Cronbach para a dimensão de cuidado foi de .80 para as mães e de .81 para os pais. Por sua vez, o alfa de Cronbach para a dimensão de restritividade foi de .77 para as mães e .69 para os pais.

*Social Competence and Behavior Evaluation Scale (SCBE-30)* – Versão Portuguesa (La Freniere & Dumas, 1996; Fernandes et al., 2020): O SCBE-30 é um questionário, composto por 30 itens, que tem como objetivo avaliar a qualidade afetiva das relações das crianças com os seus pares e com os adultos significativos, proporcionando uma descrição padronizada do afeto e do comportamento no contexto e discriminando problemas comportamentais-emocionais e de ajustamento social em crianças dos 30 aos 78 meses (Fernandes et al., 2020; LaFreniere & Dumas, 1996). No presente estudo, foi utilizada a versão do questionário para o preenchimento pelos pais. Cada um destes itens do questionário é preenchido, com base numa escala de Likert de 6 pontos (1 – *Nunca* a 6 – *Sempre*), para avaliar a frequência percebida de cada comportamento específico. Este questionário permite avaliar três subescalas: (1) Ansiedade/Retraimento (10 itens, comportamentos ansiosos, internalizantes, deprimidos e dependentes); (2) Raiva/Agressão (10 itens, comportamentos de raiva, externalizantes, agressivos e de oposição); e (3) Competência Social (10 itens, qualidades positivas de adaptação e comportamentos pró-sociais). Tendo em conta os objetivos do estudo, foi apenas considerada a subescala de Raiva/Agressão. Na versão portuguesa, o alfa de Cronbach foi de .81 para os dois informantes (mãe e pai) para a Competência Social, .80 (mãe) e .81 (pai) para a Raiva/Agressão e .68 (pai) e .74 (mãe) para a Ansiedade/Retraimento, apresentando bons indicadores de validade interna (Fernandes et

al., 2019). Na presente amostra, o alfa de Cronbach para a dimensão Raiva/Agressão foi de .81 para as mães e de .78 para os pais.

## **Procedimento**

Os participantes foram recrutados em 15 estabelecimentos de ensino pré-escolares privados e inseridos em instituições de solidariedade social do distrito de Lisboa. O método de amostragem foi o método de amostragem não-probabilístico por conveniência, uma vez que os participantes foram recrutados em estabelecimentos de ensino pré-escolares com os quais a equipa de investigação tinha contacto prévio (Richie & Lewis, 2003). Este estudo fundamentou-se num delineamento da investigação transversal, na medida em que envolveu apenas um momento de recolha de dados.

Os estabelecimentos de ensino pré-escolar privados foram contactados, de forma a obter autorização para a realização da recolha de dados. Seguidamente, os consentimentos informados escritos foram entregues aos educadores de infância para serem encaminhados aos encarregados de educação das crianças. Neste consentimento informado, foram explicitados os objetivos e os procedimentos do estudo, salientada a natureza voluntária da participação no estudo e garantida a confidencialidade das respostas. Após a obtenção dos consentimentos informados dos encarregados de educação, procedeu-se ao envio do link para aceder aos questionários na plataforma Qualtrics aos encarregados de educação por via e-mail. Os questionários foram identificados através de um código, unicamente conhecido pela equipa de investigação.

## **Análise de Dados**

Os dados foram analisados com recurso ao *IBM Statistics* versão 29. Tendo em conta o número de pais e mães que preencheram os questionários em relação à mesma criança ( $n = 28$ ), não foi possível conduzir análises com base nas díades parentais. Alternativamente, os dados foram analisados separadamente para pais e mães.

Para a caracterização da amostra, foram utilizadas médias e desvios-padrão (para as variáveis contínuas) e frequências e percentagens (para as variáveis categoriais). A análise de conteúdo das respostas abertas de mães e pais sobre as dimensões de crenças parentais referentes às estratégias antecipadas e aos objetivos de socialização em relação à agressividade física foi conduzida, de acordo com o esquema de codificação desenvolvido por Mills e Rubin (1990). O esquema de codificação encontra-se sumariado

na Tabela 1. As respostas dos pais foram codificadas quanto à presença ou ausência de cada uma das categorias e subcategorias (1 – sim, 0 – não) descritas no esquema de codificação no *IBM SPSS 29*. Seguindo os procedimentos recomendados pelos autores que utilizaram previamente o *Parental Beliefs Questionnaire* (Cheah & Rubin, 2004; Ozdemir et al., 2015), um segundo cotador independente codificou uma subamostra de 20% dos dados recolhidos junto de pais e de mães para o cálculo do acordo intercotadores. Os kappas de Cohen variaram entre 0.44 e 1, sendo, assim, abonatórios de um acordo inter-observadores satisfatório a excelente. Em consonância com as orientações dos autores que utilizaram previamente o instrumento das crenças parentais (Cheah & Rubin, 2004; Cheah et al., 2006; Ozdemir et al., 2015), foram calculadas as frequências totais de cada categoria e subcategoria apresentada no sistema de codificação; as análises centradas nos objetivos de investigação da presente dissertação para as estratégias antecipadas e os objetivos de socialização consideraram as frequências médias e desvios-padrão de cada categoria e subcategoria (Cheah & Rubin, 2004; Cheah et al., 2006; Ozdemir et al., 2015). Antes de iniciar as análises de dados centradas nos objetivos de investigação, foram conduzidas análises preliminares de correlação de Pearson e bisseriais por pontos para identificar potenciais covariáveis. No que se refere ao primeiro e ao segundo objetivos de investigação, as diferenças de sexo foram examinadas com recurso a análises univariadas da variância (ANOVAs) com correção de Welsh (quando aplicável), utilizando o sexo da criança como variável inter-sujeitos. As associações das variáveis sob o estudo (crenças maternas e paternas, práticas maternas e paternas, comportamentos externalizantes) com a idade da criança foram examinadas com recurso a correlações de *Pearson*. Para o terceiro objetivo de investigação, também foram utilizadas correlações de *Pearson* para examinar as associações entre as dimensões de crenças parentais (reações emocionais, atribuições causais, estratégias antecipadas e objetivos de socialização), práticas parentais (cuidado e restritividade parental) e comportamentos externalizantes.

Tabela 1.

*Esquema de Codificação das Respostas Abertas (Rubin & Mills, 1990)*

<b>Estratégias antecipadas</b>		
<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Definição</b>
Poder coercivo	Forçar o comportamento apropriado	Dar uma ordem verbal à criança ou fazê-la comportar-se de forma apropriada, usando a força física (e.g., “Diz-lhe para não fazer isso,” “Fazê-lo pedir desculpa,” “Fazê-lo devolver o brinquedo”).
	Punição	Aplicação de consequências adversas: retirada de privilégios (e.g., proibição do uso de brinquedos; deixar de convidar a outra criança para brincar), isolamento social ou físico (e.g., enviar a criança para o quarto), punição física (e.g., bater), separar as crianças se estiverem a lutar (e.g., “separar as crianças por um bocado”)
	Ameaça	Ameaça de punição (e.g., “Dizer-lhe que vai ser castigado se não parar de empurrar”)
Orientação/instrução	Modelamento	O pai ou a mãe demonstra fisicamente como a criança se podia comportar (e.g., “O pai ou a mãe pode juntar-se à brincadeira para demonstrar um bom comportamento”) (e.g., “Os pais devem ser prestativos em casa e com os outros,” “Mostrar-lhe como fazer,” “Os pais devem ser um bom exemplo”).
	Pedido/Sugestão	As afirmações dos pais indicam a direção do comportamento da criança para levar a criança a obedecer quase sem pressão; a criança tem uma escolha em relação à obediência (e.g., “Encorajar gentilmente a brincar com os outros,” “Perguntar-lhe se se quer juntar à brincadeira”).
	Orientação	Instrução verbal acerca da forma como se comportar ou ajudar a começar (e.g., “Discutir as formas apropriadas de tirar um brinquedo/partilhar,” “Ensiná-la como fazer”)
	Resolução	Ajudar a(s) criança(s) a chegar à solução (e.g., “Ajudá-los a encontrar uma forma de brincar à vez”)
	Recompensar/elogiar	Aplicação de consequências positivas ou reforços. Dar privilégios (tratamentos especiais ou brinquedos) (e.g., Elogiar a criança por partilhar)
Reflexão	Orientada para o outro	Referir as necessidades do outro ou as potenciais consequências físicas e emocionais do comportamento da criança para o outro, i.e., treinar a tomada de perspectiva ou empatia (e.g., “Dizer-lhe que deve tentar brincar com os outros porque não vão sempre fazer o que ele quer”, “Se fosses ele, como é que te sentirias se alguém te tivesse feito isso?” “Chamar à atenção da criança quão triste as outras crianças parecem estar”)
	Auto-orientada	Referir as consequências do comportamento da criança para ela (e.g., “Dizer às crianças que, se não forem simpáticas, as outras crianças não serão suas amigas”) (e.g., Dizer à criança “Se partilhares desta vez, ela pode partilhar um brinquedo contigo da próxima vez”) (e.g., Dizer à criança, “Faz-te sentir bem quando és prestável”)

	<b>Subcategoria</b>	<b>Definição</b>
Reflexão	Afirmações não-rotuladoras	Afirmações não-rotuladoras que se referem a valores sociais ou morais (e.g., “Brinca à vez”, “É importante partilhar”). Ou se o pai ou a mãe diz apenas que falaria com a criança
	Discussão	Discutir ou explicar os benefícios ou importância do comportamento da criança. Ajudar a criança a compreender as consequências do ato (e.g., “Explicaria porque agarrar o brinquedo à força não é apropriado”) (e.g., “Discutiria de que forma ajudar é importante”).
	Educação	Referências a cultivar na criança ou ensinar à criança comportamentos apropriados (e.g., “Treinar a criança, usando exemplos do dia-a-dia”).
	Sobre os factos	Focar-se em razões pragmáticas ou não-sociais (e.g., “Perguntaria porque estão a lutar por este brinquedo quando existem tantos brinquedos para brincar”).
	Apelo emocional	Apelar à consciência da criança; induzir culpa; afirmação que reflete a reação pessoal da mãe ou do pai à ação da criança (e.g., “Mau menino. Devias partilhar os brinquedos”, “Dizer à criança que a mãe ou o pai ficaria triste ou desiludido com o seu comportamento” “Dizer que o seu comportamento envergonha os pais ou a família”).
	Indiretas	Procurar uma explicação
Ler para a criança		Ler à criança uma história relacionada com a questão que preocupa o pai ou a mãe (e.g., “Ler uma história sobre a partilha à criança”)
Juntar-se à criança		O pai ou a mãe sugere estar com a criança; o pai ou a mãe pode estar presente, mas não necessariamente envolver-se na brincadeira (e.g., “Passar algum tempo com as crianças enquanto estão a brincar”)
Socorrer		Retirar a criança da situação (de forma não punitiva).
Redirecionar		Orientar a criança para uma nova atividade; desviar a atenção; reestruturar a situação (e.g., “Distrair a criança com outro brinquedo.”)
Procura de informação	Consultar	Procurar aconselhamento de ou conversar com um educador, profissional de saúde mental, membro da família, ou amigo; ler alguma coisa sobre o assunto (e.g., “Pedir ao educador ideias e recursos.”)
	Monitorizar	Monitorizar o comportamento da criança e/ou pedir a outra pessoa (e.g., educador) para fazê-lo. (e.g., “O pai ou a mãe deve observar atentamente da próxima vez para ver de que forma a criança age,” “Ficar próximo enquanto a criança brincar” “Pedir ao educador para monitorizar o comportamento da criança no futuro”).
	Procurar uma explicação de outra pessoa	Pedir a alguém uma explicação para o comportamento da criança (e.g., “Conversar com o educador e descobrir porque aconteceu,” “ Perguntar a outra criança o que se passou,” “Descobrir o que se passou antes da mãe ou do pai chegar.”)
Planeamento	Criar uma oportunidade	Criar ou planear criar oportunidades para que a criança brinque com os outros ou aprenda a competência (e.g., “Organizar um encontro de brincadeira de um para um com outra criança,” “Convidar outras crianças.” “Organizar situações em casa em que a criança pode ser

Planeamento	Subcategoria	Definição
	Criar uma oportunidade	prestativa,” “Encontrar maneiras de interessar e envolver a criança nas situações sociais.”)
Cuidar	Dar à criança amor, atenção, tranquilização ou apoio.	
Ausência de resposta	-	O pai ou a mãe não faria nada.
Não classificável	-	A resposta não pode ser classificada porque não responde à pergunta ou não se enquadra em qualquer uma das outras categorias.
Objetivos de socialização		
Categoria	Subcategoria	Definição
Centrado no pai/mãe a curto prazo	-	Os pais focam-se nas suas próprias necessidades. Obter observância, respeito ou obediência da criança durante a interação. Mudar o comportamento atual da criança. Ir de encontro à agenda parental. Focar-se na obediência e condicionar o comportamento da criança.
Centrado no pai/mãe a longo prazo	-	Ter uma criança obediente e respeitosa. Prevenir a reincidência do mau comportamento. Mostrar à criança “quem manda”.
Centrado na criança a curto prazo	-	Os pais focam-se nas necessidades da criança. Fazer a criança feliz. Fazer a criança sentir-se bem consigo própria, fomentar a sua autoconfiança. Compreender o ponto de vista da criança.
Centrado na criança a longo prazo	-	Ensinar valores, regras ou orientações sociais à criança ou lições de vida importantes para benefício da criança. Geral ou descontextualizado – como lidar com ele/ela-própria, desenvolvimento da personalidade ou das competências pessoais.
Social a curto prazo	-	Ajudar a criança a dar-se bem com um par durante a situação social atual. Pôr a criança à vontade com a situação social atual. Ajudar especificamente a criança a lidar com a situação imediata.
Social a longo prazo	-	Preservar uma amizade existente. Mostrar à criança como dar-se bem com os outros. Desenvolver a competência social ou o conforto da criança. Ajudar a criança a lidar com os outros nas situações sociais no futuro.
Coletivo	-	Os pais dizem que o objetivo é que a criança sinta o espírito de grupo, que se ajusta à agenda de objetivos coletivos.
Não-codificável	-	As respostas não são codificadas em qualquer das categorias acima descritas

## RESULTADOS

### Crenças parentais em relação à agressividade física, em função do sexo e da idade da criança

#### Crenças maternas em relação à agressividade física, em função do sexo e da idade da criança

**Análises preliminares.** As análises preliminares de correlação não identificaram covariáveis para as reações emocionais maternas em relação à agressividade física.

No que se refere às atribuições causais maternas, foi apenas identificada uma correlação estatisticamente significativa entre o locus de controlo externo e as habilitações maternas superiores ( $r = .15, p < .05$ ).

No que se refere às estratégias antecipadas maternas, foi observada uma correlação positiva estatisticamente significativa entre a idade materna e a ameaça ( $r = .16, p = .047$ ). Verificou-se uma correlação estatisticamente significativa entre as habilitações maternas inferiores ao ensino superior e as afirmações normativas ( $r = -.17, p < .05$ ). Foi ainda observada uma correlação positiva estatisticamente significativa entre o número de filhos e a procura de oportunidades ( $r = .18, p < .05$ ).

No que se refere aos objetivos de socialização maternos, foi observada uma correlação positiva estatisticamente significativa entre a idade materna e objetivos de socialização sociais a curto prazo ( $r = .23, p < .05$ ).

**Reações emocionais maternas em relação à agressividade física, em função do sexo e da idade da criança.** A Tabela 2 apresenta as estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão) das reações emocionais maternas em relação à agressividade física, em função do sexo da criança.

As reações emocionais maternas com níveis médios mais elevados na presente amostra foram a surpresa ( $M = 4.72, DP = 2.11$ ), o desapontamento ( $M = 4.63, DP = 1.92$ ), a vergonha ( $M = 4.56, DP = 1.97$ ), o desgosto ( $M = 4.48, DP = 2.04$ ), e a zanga ( $M = 4.26, DP = 1.58$ ). A ANOVA não revelou diferenças estatisticamente significativas nas reações emocionais maternas, em função do sexo da criança. Não foram observadas associações estatisticamente significativas entre a idade da criança e as reações emocionais maternas.

**Atribuições causais maternas em relação à agressividade física, em função do sexo e da idade da criança.** A Tabela 2 apresenta as estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão) das atribuições causais maternas em relação à agressividade física, em função do sexo da criança.

Tabela 2.

*Reações Emocionais e Atribuições Causais Maternas em Relação à Agressividade Física, em Função do Sexo e da Idade da Criança*

	Idade da criança	Rapazes	Raparigas	Total	ANOVAs	
	<i>r</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>Z</i>	<i>p</i>
<i>Reações emocionais</i>						
Zanga	.01	4.44 (1.91)	4.10 (1.58)	4.26 (1.75)	1.59	.209
Desapontamento	.05	4.88 (1.98)	4.40 (1.85)	4.63 (1.92)	2.58	.110
Desgosto	.03	4.69 (2.04)	4.28 (2.02)	4.48 (2.04)	1.65	.201
Vergonha	-.01	4.46 (1.95)	4.67 (1.99)	4.56 (1.97)	0.47	.492
Satisfação	-.02	2.10 (0.37)	2.17 (0.53)	2.13 (0.46)	1.06	.305
Mágoa	-.02	3.41 (1.69)	3.09 (1.69)	3.23 (1.69)	1.58	.211
Culpa	-.07	3.94 (1.74)	3.90 (1.90)	3.92 (1.80)	0.02	.881
Ansiedade	-.03	4.00 (1.74)	3.95 (1.72)	3.98 (1.73)	0.03	.864
Surpresa	.09	4.74 (2.18)	4.71 (2.06)	4.72 (2.11)	0.01	.932
Confusão	.02	3.57 (1.84)	3.69 (1.83)	3.63 (1.83)	0.18	.668
<i>Atribuições causais</i>						
Locus de controlo externo <sup>a</sup>	.04	6.75 (1.20)	6.34 (1.30)	6.54 (1.26)	4.05	.019
Estabilidade	-.02	3.82 (1.47)	3.90 (1.27)	3.86 (1.37)	0.15	.703
Intencionalidade	.18*	4.78 (1.90)	4.58 (1.58)	4.68 (1.74)	0.53	.469

\* $p < .05$ .

<sup>a</sup> Análises conduzidas, controlando as habilitações literárias maternas

As mães da nossa amostra atribuíram, em média, os comportamentos de agressividade física mais a fatores externos ( $M = 6.54$ ,  $DP = 1.26$ ), instáveis ( $M = 3.86$ ,  $DP = 1.37$ ) e não-intencionais ( $M = 4.68$ ,  $DP = 1.74$ ). A ANOVA revelou diferenças estatisticamente significativas nas atribuições causais, em função do sexo da criança. Especificamente, as mães atribuíram os comportamentos fisicamente agressivos mais a fatores externos quando o seu filho é rapaz ( $M = 6.75$ ,  $DP = 1.20$ ) do que quando é rapariga ( $M = 6.34$ ,  $DP = 1.30$ ). Foram ainda observadas associações positivas

estatisticamente significativas entre a idade da criança e as atribuições causais de intencionalidade.

**Estratégias antecipadas maternas em relação à agressividade física, em função do sexo e da idade da criança.** A Tabela 3 apresenta as frequências médias e os desvios-padrão das estratégias antecipadas em relação à agressividade física, em função do sexo da criança.

As estratégias antecipadas maternas com maior frequência média na nossa amostra foram as estratégias da categoria de nível superior reflexão ( $M = 1.43$ ,  $DP = 0.69$ ), especialmente da subcategoria de discussão ( $M = 0.82$ ,  $DP = 0.72$ ). A ANOVA revelou diferenças estatisticamente significativas na frequência média da subcategoria de pedidos/sugestão, em função do sexo da criança. Especificamente, as mães relatam utilizar, em média, com maior frequência estratégias de pedidos/sugestão quando os seus filhos são raparigas ( $M = 0.14$ ,  $DP = 0.35$ ) do quando são rapazes ( $M = 0.04$ ,  $DP = 0.20$ ). Foram observadas associações positivas estatisticamente significativas entre a estratégia antecipada de punição e a idade da criança e entre o planeamento e a idade da criança.

**Objetivos de socialização maternos em relação à agressividade física, em função do sexo e da idade da criança.** A Tabela 3 apresenta as frequências médias e os desvios-padrões dos objetivos de socialização maternos em relação à agressividade física, em função do sexo da criança.

Os objetivos de socialização maternos que foram, em média, referidos com maior frequência pelas mães da nossa amostra foram os objetivos de socialização sociais a longo prazo ( $M = 1.24$ ,  $DP = 0.79$ ) e centrados na criança a longo prazo ( $M = 0.90$ ,  $DP = 0.78$ ). Não foram observadas diferenças estatisticamente significativas nos objetivos de socialização maternos, em função do sexo da criança. Não foram observadas associações estatisticamente significativas entre a idade da criança e os objetivos de socialização maternos.

Tabela 3.

*Estratégias Antecipadas e Objetivos de Socialização Maternos em Relação à Agressividade Física, em Função do Sexo e da Idade da Criança*

	Idade da criança	Rapazes	Raparigas	Total	ANOVA	
	<i>r</i>	<i>M (SD)</i>	<i>M (SD)</i>	<i>M (SD)</i>	<i>Z</i>	<i>p</i>
<i>Estratégias antecipadas</i>						
<b>Poder coercivo</b>	<b>.05</b>	<b>0.16 (0.44)</b>	<b>0.14 (0.38)</b>	<b>0.15 (0.41)</b>	<b>0.16</b>	<b>.687</b>
Forçar o comportamento apropriado	-.08	0.11 (0.31)	0.11 (0.36)	0.11 (0.34)	0.00	.957
Punição	.23*	0.01 (0.12)	0.03 (0.16)	0.02 (0.14)	0.25	.617
Ameaça <sup>c</sup>	.09	0.04 (0.20)	0.00 (0.00)	0.02 (0.14)	a	a
<b>Orientação/instrução</b>	<b>.06</b>	<b>0.82 (0.81)</b>	<b>0.89 (0.78)</b>	<b>0.86 (0.79)</b>	<b>0.26</b>	<b>.610</b>
Modelamento	.04	0.12 (0.37)	0.10 (0.38)	0.11 (0.37)	0.17	.701
Pedido/sugestão	-.15	0.04 (0.20)	0.14 (0.35)	0.09 (0.29)	4.54	.035
Orientação	.06	0.34 (0.63)	0.36 (0.53)	0.35 (0.58)	0.05	.832
Resolução	.09	0.36 (0.59)	0.34 (0.57)	0.35 (0.58)	0.04	.842
Recompensa/elogio	.01	0.00 (0.00)	0.03 (0.22)	0.01 (0.16)	a	a
<b>Reflexão</b>	<b>-.13</b>	<b>1.45 (0.73)</b>	<b>1.41 (0.65)</b>	<b>1.43 (0.69)</b>	<b>0.12</b>	<b>.723</b>
Orientada para outro	-.03	0.30 (0.54)	0.33 (0.59)	0.31 (0.57)	0.07	.797
Auto-orientada	.11	0.02 (0.16)	0.06 (0.29)	0.05 (0.24)	0.86	.355
Afirmativas normativas <sup>c</sup>	-.06	0.40 (0.62)	0.33 (0.57)	0.36 (0.59)	0.74	.391
Discussão	-.13	0.84 (0.76)	0.79 (0.69)	0.82 (0.72)	0.28	.598
Educação	.07	0.08 (0.36)	0.05 (0.28)	0.06 (0.32)	0.39	.533
Reflexão sobre factos	-.05	0.04 (0.20)	0.03 (0.16)	0.03 (0.18)	0.31	.579
Apelo emocional	-.03	0.05 (0.22)	0.13 (0.33)	0.09 (0.29)	2.34	.128
<b>Indiretas</b>	<b>.14</b>	<b>0.49 (0.75)</b>	<b>0.55 (0.73)</b>	<b>0.53 (0.74)</b>	<b>0.23</b>	<b>.634</b>
Procurar uma explicação da criança	.12	0.44 (0.70)	0.43 (0.67)	0.43 (0.69)	0.01	.905
Juntar-se à criança	.04	0.00 (0.00)	0.03 (0.16)	0.01 (0.11)	a	a

	Idade da criança	Rapazes	Raparigas	Total	ANOVA	
	<i>r</i>	<i>M (SD)</i>	<i>M (SD)</i>	<i>M (SD)</i>	<i>Z</i>	<i>p</i>
Socorrer	.10	0.04 (0.20)	0.06 (0.24)	0.05 (0.22)	0.35	.556
Redirecionar	.03	0.04 (0.20)	0.06 (0.24)	0.05 (0.22)	0.35	.556
<b>Procura informação</b>	<b>.04</b>	<b>0.03 (0.16)</b>	<b>0.08 (0.35)</b>	<b>0.05 (0.28)</b>	<b>1.20</b>	<b>.275</b>
Consultar	<sup>b</sup>	0.00 (0.00)	0.03 (0.22)	0.01 (0.16)	a	a
Monitorizar	.12	0.01 (0.12)	0.01 (0.11)	0.01 (0.11)	0.00	.948
Procurar uma explicação de outro	-.02	0.01 (0.12)	0.04 (0.25)	0.03 (0.20)	0.56	.457
<b>Planeamento</b>	<b>.16*</b>	<b>0.22 (0.45)</b>	<b>0.18 (0.41)</b>	<b>0.20 (0.43)</b>	<b>0.40</b>	<b>.527</b>
Criar uma oportunidade <sup>d</sup>	.02	0.01 (0.12)	0.01 (0.11)	0.01 (0.11)	0.04	.838
Cuidar	.09	0.10 (0.36)	0.09 (0.33)	0.10 (0.34)	0.16	.689
<b>Ausência de resposta</b>	<b>.10</b>	<b>0.08 (0.27)</b>	<b>0.05 (0.22)</b>	<b>0.06 (0.25)</b>	<b>0.63</b>	<b>.429</b>
<i>Objetivos de socialização</i>						
Centrado na mãe a curto prazo	.13	0.05 (0.28)	0.05 (0.22)	0.05 (0.25)	0.01	.907
Centrado na mãe a longo prazo	-.07	0.00 (0.00)	0.03 (0.16)	0.01 (0.11)	a	a
Centrado na criança a curto prazo	-.09	0.16 (0.46)	0.08 (0.28)	0.12 (0.37)	1.01	.316
Centrado na criança a longo prazo	.01	0.93 (0.82)	0.88 (0.75)	0.90 (0.78)	0.20	.658
Social a curto prazo <sup>c</sup>	-.07	0.16 (0.41)	0.18 (0.42)	0.17 (0.41)	0.06	.807
Social a longo prazo	.05	1.21 (0.80)	1.26 (0.78)	1.24 (0.79)	0.12	.735
Coletivista	.03	0.03 (0.16)	0.01 (0.11)	0.02 (0.14)	0.44	.510

*Nota.* As estatísticas descritivas para as estratégias antecipadas ler para a criança e consultar não são apresentadas porque não foram referidas pelo grupo de mães que participou no estudo.

<sup>a</sup>Não são apresentadas as estatísticas de Welsh, em função do sexo da criança porque não é possível executável, atendendo a que a frequência média da estratégia antecipada é de zero num dos grupos. <sup>b</sup> Não é possível calcular uma correlação porque a variável consultar é constante. <sup>c</sup> Análises conduzidas controlando a idade materna. <sup>c</sup> Análises conduzidas controlando as habilitações literárias. <sup>d</sup> Análises conduzidas controlando o número de filhos.

## **Crenças paternas em relação à agressividade física, em função do sexo e da idade da criança.**

**Análises preliminares paternas.** As análises preliminares paternas mostraram que a idade do pai se correlacionou positivamente de forma significativa com reações emocionais paternas de zanga ( $r = .37, p < .05$ ), desapontamento ( $r = .31, p < .05$ ), desgosto ( $r = .34, p < .05$ ), vergonha ( $r = .38, p < .05$ ), mágoa ( $r = .42, p < .05$ ) e culpa ( $r = .47, p < .05$ ). Foram ainda observadas correlações positivas estatisticamente significativas entre as habilitações superiores e as reações emocionais paternas de zanga ( $r = .33, p < .05$ ), desgosto ( $r = .30, p < .05$ ), vergonha ( $r = .32, p < .05$ ) e culpa ( $r = .31, p < .05$ ).

No que se refere às atribuições causais, foi observada uma correlação negativa estatisticamente significativa entre as habilitações literárias e as atribuições paternas de locus de controlo externo ( $r = -.32, p < .05$ ). Também foi identificada uma correlação positiva estatisticamente significativa entre as habilitações literárias e as atribuições paternas de intencionalidade ( $r = .28, p < .05$ ).

Quanto às estratégias antecipadas, foi observada uma correlação negativa estatisticamente significativa entre a idade paterna e as estratégias antecipadas de orientação ( $r = -.33, p < .05$ ). Foram observadas associações negativas estatisticamente significativas entre o estado civil e o recurso a estratégias antecipadas de discussão ( $r = -.39, p < .05$ ) e de reflexão sobre os factos ( $r = -.48, p < .001$ ). O número de pessoas com quem o pai vive mostrou associações negativas estatisticamente significativas com o recurso a estratégias antecipadas de reflexão sobre os factos ( $r = -.35, p < .05$ ). As associações positivas entre o número de pessoas com quem o pai vive e o recurso a estratégias de planeamento ( $r = .37, p < .05$ ) revelaram ser estatisticamente significativas.

No que toca aos objetivos de socialização, foram observadas associações negativas estatisticamente significativas entre as habilitações literárias e os objetivos centrados na criança a curto prazo ( $r = -.33, p < .05$ ). Foram observadas associações positivas estatisticamente significativas entre o número de filhos e os objetivos de socialização sociais a curto prazo ( $r = .33, p < .05$ ). Por oposição, foram observadas associações negativas estatisticamente significativas entre número de filhos e os objetivos de socialização sociais a longo prazo ( $r = -.32, p < .05$ ).

**Reações emocionais paternas em relação à agressividade física, em função do sexo e da idade da criança.** A Tabela 4 apresenta as estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão) das reações emocionais paternas em relação à agressividade física, em função do sexo da criança.

As reações emocionais paternas com níveis médios mais elevados na presente amostra foram a surpresa ( $M = 4.77$ ,  $DP = 2.02$ ), a zanga ( $M = 4.38$ ,  $DP = 1.61$ ), o desapontamento ( $M = 4.26$ ,  $DP = 1.67$ ) e o desgosto ( $M = 4.03$ ,  $DP = 1.81$ ). A ANOVA revelou diferenças estatisticamente significativas nas reações emocionais paternas, em função do sexo da criança. Especificamente, os pais revelaram níveis mais elevados de zanga ( $M = 5.00$ ,  $DP = 1.83$ ), desapontamento ( $M = 4.90$ ,  $DP = 1.80$ ) e desgosto ( $M = 4.59$ ,  $DP = 2.04$ ) quando os filhos são rapazes do que quando são raparigas. Foram, também, observadas associações positivas estatisticamente significativas entre a idade da criança e as reações emocionais paternas de surpresa.

**Atribuições causais paternas em relação à agressividade física, em função do sexo e da idade da criança.** A Tabela 4 apresenta as estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão) das atribuições causais paternas em relação à agressividade física, em função do sexo da criança.

Os pais da presente amostra atribuíram, em média, os comportamentos de agressividade física mais a fatores externos ( $M = 6.11$ ,  $DP = 1.13$ ), intencionais ( $M = 5.84$ ,  $DP = 1.84$ ) e instáveis ( $M = 3.96$ ,  $DP = 1.47$ ). A ANOVA não revelou diferenças estatisticamente significativas nas atribuições causais paternas, em função do sexo da criança. Não foram observadas associações estatisticamente significativas entre a idade da criança e as atribuições causais.

**Estratégias antecipadas paternas em relação à agressividade física, em função do sexo e da idade da criança.** A Tabela 5 apresenta as estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão) das estratégias antecipadas em relação à agressividade física, em função do sexo da criança.

As estratégias antecipadas paternas com maior frequência média na amostra em estudo foram as estratégias da categoria de nível superior reflexão ( $M = 1.54$ ,  $DP = 0.68$ ), especialmente da subcategoria de discussão ( $M = 0.88$ ,  $DP = 0.89$ ). A ANOVA não revelou diferenças estatisticamente significativas nas estratégias antecipadas paternas, em

função do sexo da criança. Foram observadas associações negativas estatisticamente significativas entre a idade da criança e as estratégias antecipadas de monitorização.

Tabela 4.

*Reações Emocionais e Atribuições Causais Paternas em Relação à Agressividade Física, em Função do Sexo e da Idade da Criança*

	Idade da criança	Rapazes	Raparigas	Total	ANOVAs	
	<i>r</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>Z</i>	<i>p</i>
<i>Reações emocionais</i>						
Zanga <sup>a</sup>	.04	5.00 (1.83)	3.93 (1.28)	4.38 (1.61)	7.45	.009
Desapontamento <sup>b</sup>	.17	4.90 (1.80)	3.80 (1.42)	4.26 (1.67)	5.54	.023
Desgosto <sup>a</sup>	.23	4.59 (2.04)	3.63 (1.54)	4.03 (1.81)	6.61	.013
Vergonha <sup>a</sup>	.28	4.27 (2.00)	3.73 (1.39)	3.96 (1.68)	0.72	.400
Satisfação	.09	2.14 (0.47)	2.33 (0.76)	2.25 (0.65)	0.88	.354
Mágoa <sup>b</sup>	.09	3.45 (1.63)	2.70 (0.99)	3.01 (1.34)	1.92	.173
Culpa <sup>a</sup>	.08	4.00 (2.12)	3.13 (1.25)	3.50 (1.71)	0.90	.348
Ansiedade	.22	3.55 (1.55)	3.26 (1.44)	3.38 (1.48)	0.01	.941
Surpresa	.29*	5.00 (2.18)	4.60 (1.90)	4.77 (2.02)	0.06	.814
Confusão	.27	3.22 (1.69)	3.43 (1.72)	3.34 (1.69)	1.32	.257
<i>Atribuições causais</i>						
Locus de controlo externo <sup>c</sup>	.02	6.18 (1.05)	6.07 (1.20)	6.11 (1.13)	0.04	.852
Estabilidade	.01	3.95 (1.62)	3.97 (1.38)	3.96 (1.47)	0.01	.944
Intencionalidade <sup>c</sup>	.11	5.90 (1.69)	4.93 (1.86)	5.84 (1.84)	3.43	.070

\* $p < .05$ .

<sup>a</sup>Análises conduzidas, controlando a idade e as habilitações literárias paternas. <sup>b</sup>Análises conduzidas, controlando a idade paterna. <sup>c</sup>Análises conduzidas, controlando as habilitações literárias paternas

**Objetivos de socialização paternos em relação à agressividade física, em função do sexo e da idade da criança.** A Tabela 5 apresenta as estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão) dos objetivos de socialização em relação à agressividade física, em função do sexo da criança.

Os objetivos de socialização paternos que foram, em média, referidos com maior frequência pelos pais na presente amostra foram os objetivos de socialização centrados

Tabela 5.

*Estratégias Antecipadas e Objetivos de Socialização Paternos em Relação à Agressividade Física, em Função do Sexo e da Idade da Criança*

	Idade da criança	Rapazes	Raparigas	Total	ANOVAs	
	<i>r</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>Z</i>	<i>P</i>
<i>Estratégias antecipadas</i>						
<b>Poder coercivo</b>	<b>-.08</b>	<b>0.05 (0.22)</b>	<b>0.15 (0.36)</b>	<b>0.10 (0.31)</b>	<b>1.42</b>	<b>.240</b>
Forçar o comportamento apropriado	-.04	0.00 (0.00)	0.07 (0.27)	0.04 (0.20)	a	a
Punição	-.07	0.00 (0.00)	0.04 (0.19)	0.02 (0.14)	a	a
Ameaça	-.03	0.05 (0.22)	0.04 (0.19)	0.04 (0.20)	0.03	.859
<b>Orientação/instrução</b>	<b>.10</b>	<b>0.67 (0.80)</b>	<b>0.67 (0.83)</b>	<b>0.67 (0.81)</b>	<b>0.00</b>	<b>1.000</b>
Modelamento	-.19	0.00 (0.00)	0.07 (0.27)	0.04 (0.20)	a	a
Pedido/sugestão	.12	0.00 (0.00)	0.07 (0.27)	0.04 (0.20)	a	a
Orientação <sup>b</sup>	.17	0.57 (0.75)	0.41 (0.69)	0.48 (0.71)	1.22	.275
Resolução	.04	0.10 (0.30)	0.15 (0.36)	0.13 (0.33)	0.29	.590
<b>Reflexão</b>	<b>-.07</b>	<b>1.42 (0.74)</b>	<b>1.63 (0.63)</b>	<b>1.54 (0.68)</b>	<b>1.02</b>	<b>.317</b>
Orientada para outro	.14	0.23 (0.54)	0.33 (0.62)	0.29 (0.58)	0.31	.579
Auto-orientada	.06	0.05 (0.22)	0.04 (0.19)	0.04 (0.20)	0.03	.859
Afirmações normativas	-.06	0.29 (0.56)	0.26 (0.59)	0.27 (0.57)	0.03	.876
Discussão <sup>c</sup>	.11	0.81 (0.98)	0.93 (0.83)	0.88 (0.89)	0.03	.875
Educação	.03	0.23 (0.54)	0.07 (0.27)	0.14 (0.41)	1.63	.212
Reflexão sobre factos <sup>d</sup>	.08	0.00 (0.00)	0.04 (0.19)	0.02 (0.14)	a	a
Apelo emocional	.08	0.29 (0.46)	0.26 (0.53)	0.27 (0.49)	0.03	.856
<b>Indiretas</b>	<b>.27</b>	<b>0.47 (0.81)</b>	<b>0.48 (0.75)</b>	<b>0.48 (0.77)</b>	<b>0.00</b>	<b>.981</b>
Procurar uma explicação da criança	.26	0.43 (0.82)	0.44 (0.70)	0.44 (0.74)	0.00	.942

Socorrer	-03	0.05 (0.22)	0.04 (0.19)	0.04 (0.20)	0.03	.859
Redirecionar	-.13	0.00 (0.00)	0.04 (0.19)	0.02 (0.14)	a	a
<b>Procura informação</b>	<b>-.11</b>	<b>0.14 (0.36)</b>	<b>0.07 (0.27)</b>	<b>0.10 (0.31)</b>	<b>0.58</b>	<b>.450</b>
	Idade da criança	Rapazes	Raparigas	Total	ANOVAs	
	<i>r</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>Z</i>	<i>P</i>
Monitorizar	-.29*	0.05 (0.22)	0.04 (0.19)	0.04 (0.20)	0.03	.859
Procurar uma explicação de outro	.10	0.10 (0.30)	0.04 (0.19)	0.06 (0.24)	0.66	.419
<b>Planeamento<sup>e</sup></b>	<b>.04</b>	<b>0.05 (0.22)</b>	<b>0.00 (0.00)</b>	<b>0.02 (0.14)</b>	a	a
Criar uma oportunidade	.14	0.04 (0.22)	0.00 (0.00)	0.02 (0.14)	a	a
Cuidar	.19	0.00 (0.00)	0.04 (0.19)	0.02 (0.14)	a	a
Ausência de resposta	-.09	0.05 (0.22)	0.07 (0.38)	0.06 (0.32)	0.08	.780
<i>Objetivos de socialização</i>						
Centrado no pai a curto prazo	-.02	0.05 (0.22)	0.04 (0.19)	0.04 (0.20)	0.03	.859
Centrado no pai a longo prazo	-.14	0.29 (0.46)	0.11 (0.32)	0.19 (0.39)	0.03	.862
Centrado na criança a curto prazo	.08	0.14 (0.36)	0.19 (0.40)	0.17 (0.38)	0.04	.841
Centrado na criança a longo prazo	-.02	0.86 (0.79)	1.33 (0.73)	1.12 (0.79)	4.63	.037
Social a curto prazo	.35*	0.19 (0.51)	0.11 (0.32)	0.15 (0.41)	0.28	.597
Social a longo prazo	-.12	0.90 (0.89)	0.55 (0.80)	0.71 (0.84)	2.75	.104
Coletivista	-.02	0.05 (0.22)	0.07 (0.27)	0.06 (0.24)	0.13	.714

*Nota.* As estatísticas descritivas das estratégias antecipadas recompensar, ler para a criança, juntar-se à criança e consultar não são apresentadas porque estas estratégias não tiveram expressão na nossa amostra de pais.

<sup>a</sup>Não são apresentadas as estatísticas de Welsh, em função do sexo da criança porque não é possível executável, atendendo a que a frequência média da estratégia antecipada é de zero num dos grupos. <sup>b</sup> Análises conduzidas, controlando a idade paterna. <sup>c</sup> Análises conduzidas, controlando o estado civil. <sup>d</sup> Análises conduzidas controlando o estado civil e o número de pessoas com quem o pai vive. <sup>e</sup> Análises conduzidas controlando o número de pessoas com quem o pai vive.

na criança a longo prazo ( $M = 1.12$ ,  $DP = 0.79$ ) e objetivos de socialização sociais a longo prazo ( $M = 0.71$ ,  $DP = 0.84$ ). A ANOVA revelou diferenças estatisticamente significativas nos objetivos de socialização paternos, em função do sexo da criança. Os pais relataram mais objetivos de socialização centrados na criança a longo prazo quando os seus filhos são raparigas ( $M = 1.33$ ,  $DP = 0.73$ ) do que quando os seus filhos são rapazes ( $M = 0.86$ ,

$DP = 0.79$ ). Foram observadas associações positivas estatisticamente significativas entre a idade da criança e os objetivos de socialização sociais a curto prazo paternos.

**Relatos Maternos e Paternos em relação às Práticas Parentais (Cuidado e Restritividade) e Comportamentos Externalizantes, em função do sexo e da idade da criança.** A Tabela 6 apresenta as estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão) dos relatos maternos e paternos em relação às práticas parentais (Cuidado e Restritividade) e Comportamentos Externalizantes, em função do sexo e da idade da criança.

Tabela 6.

*Relatos Maternos e Paternos de Práticas Parentais (Cuidado e Restritividade) e Comportamentos Externalizantes, em Função do Sexo e da Idade da Criança*

	Idade da criança	Rapazes	Raparigas	Total	ANOVAs	
	<i>r</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>Z</i>	<i>P</i>
<i>Práticas parentais</i>						
Relatos maternos						
Cuidado	.10	5.28 (0.48)	5.25 (0.51)	5.26 (0.49)	0.18	.668
Restritividade	-.14	3.18 (0.58)	3.18 (0.79)	3.18 (0.70)	0.00	.990
<i>Comportamentos externalizantes</i>	-.10	2.65 (0.81)	2.49 (0.77)	2.57 (0.79)	1.66	.200
<i>Relatos paternos</i>						
<i>Práticas parentais</i>						
Cuidado	.14	5.40 (0.37)	5.40 (0.34)	5.40 (0.35)	0.00	.997
Restritividade	.25	3.46 (0.49)	3.24 (0.54)	3.34 (0.53)	2.16	.148
<i>Comportamentos externalizantes<sup>a</sup></i>	.01	2.49 (0.49)	2.38 (0.70)	2.43 (0.62)	0.30	.588

<sup>a</sup>Os resultados refletem análises conduzidas, controlando as habilitações literárias paternas

Em média, as mães relataram níveis elevados de cuidado ( $M = 5.26$ ,  $DP = 0.49$ ) e níveis moderados de restritividade ( $M = 3.18$ ,  $DP = 0.70$ ) e comportamentos externalizantes pouco frequentes nos seus filhos ( $M = 2.57$ ,  $DP = 0.79$ ). Não foram identificadas diferenças estatisticamente significativas nos relatos maternos de práticas de cuidado, restritividade e comportamentos externalizantes, em função do sexo da criança. Não foram observadas associações estatisticamente significativas dos relatos maternos de práticas de cuidado, restritividade e comportamentos externalizantes com a idade da criança.

A Tabela 6 mostra que, em média, os pais relataram níveis elevados de cuidado ( $M = 5.40$ ,  $DP = 0.35$ ), níveis moderados de reatividade ( $M = 3.34$ ,  $DP = 0.53$ ) e comportamentos externalizantes pouco frequentes nos seus filhos ( $M = 2.43$ ,  $DP = 0.62$ ). Tal como para as mães, não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas nos relatos de práticas paternas de cuidado e reatividade, em função do sexo da criança. Também não foram observadas associações estatisticamente significativas entre os relatos de práticas paternas de cuidado e reatividade e a idade da criança.

**Associações entre os relatos maternos de crenças parentais, práticas parentais e comportamentos externalizantes.** A Tabela 7 apresenta as correlações de *Pearson* entre os relatos maternos de crenças parentais, práticas parentais e comportamentos externalizantes.

Segundo os relatos maternos, não foram identificadas associações estatisticamente significativas entre as reações emocionais e as práticas parentais de cuidado. Contudo, as práticas parentais maternas de reatividade evidenciaram associações positivas estatisticamente significativas com as reações emocionais, nomeadamente a zanga, o desapontamento, o desgosto, a vergonha, a mágoa, a culpa e a ansiedade. Além disso, foram identificadas associações positivas estatisticamente significativas entre a reação emocional materna de satisfação e os comportamentos externalizantes. Foram ainda observadas associações negativas estatisticamente significativas entre a reação emocional materna de surpresa e os comportamentos externalizantes.

Não foram observadas associações estatisticamente significativas das atribuições causais e os relatos maternos de práticas parentais de cuidado e reatividade e de comportamentos externalizantes.

No que toca às estratégias antecipadas, forçar o comportamento apropriado, recompensa/elogio e apelo emocional mostraram estar negativamente associadas de forma estatisticamente significativa com os relatos maternos de práticas parentais de cuidado. Foram observadas associações positivas estatisticamente significativas entre as práticas parentais de cuidado e o domínio das estratégias indiretas, particularmente a procura de explicação pela criança. Por sua vez, os relatos maternos de reatividade parental mostraram estar negativamente associados de forma estatisticamente significativa com as estratégias de modelamento e com o domínio das estratégias de planeamento, especialmente com as estratégias de cuidar. Em contraste, associações

positivas estatisticamente significativas foram observadas entre os relatos maternos de restritividade e o domínio de estratégias de reflexão, especialmente as estratégias de apelo emocional. Todavia, não foram observadas associações estatisticamente significativas entre as estratégias antecipadas e os relatos maternos de comportamentos externalizantes.

Tabela 7.

*Correlações entre os Relatos Maternos de Crenças Parentais, Práticas Parentais e Comportamentos Externalizantes.*

	Cuidado	Restritividade	Comportamentos externalizantes
	<i>r</i>	<i>R</i>	<i>r</i>
<i>Reações emocionais</i>			
Zanga	-.04	.27**	.09
Desapontamento	-.01	.22**	.09
Desgosto	-.03	.23**	.12
Vergonha	-.05	.21**	.08
Satisfação	.00	-.08	.16*
Mágoa	-.02	.23**	-.02
Culpa	-.01	.18*	.15
Ansiedade	-.05	.16*	.11
Surpresa	.04	.03	-.19*
Confusão	.06	.10	.00
<i>Atribuições causais</i>			
Locus de controlo externo <sup>a</sup>	.07	.00	-.14
Estabilidade	-.09	-.02	.11
Intencionalidade <sup>b</sup>	-.06	.07	.15
<i>Estratégias antecipadas</i>			
<b>Poder coercivo</b>	<b>-.14</b>	<b>.05</b>	<b>-.02</b>
Forçar o comportamento apropriado	-.20*	.08	-.04
Punição	.03	.05	.13
Ameaça <sup>c</sup>	.04	-.04	-.05
<b>Orientação/instrução</b>	<b>.10</b>	<b>-.10</b>	<b>-.11</b>
Modelamento	.14	-.17*	-.10
Pedido/sugestão <sup>d</sup>	-.05	.02	-.10
Orientação	.09	-.04	-.11
Resolução	.05	-.01	-.01
Recompensa/elogio	-.20*	.04	-.06
<b>Reflexão</b>	<b>.01</b>	<b>.21*</b>	<b>-.01</b>
Orientada para outro	-.01	-.07	-.14
Auto-orientada	-.13	.06	.01
Afirmações normativas <sup>e</sup>	.07	-.02	.10
Discussão	.07	.06	-.03

Educação	.08	-.10	.02
Reflexão sobre factos	.06	.06	-.07
Apelo emocional	-.30*	.31*	-.07
<b>Indiretas</b>	<b>.17*</b>	<b>-.17*</b>	<b>-.07</b>
Procurar uma explicação da criança	.17*	-.15	-.06
	Cuidado	Restritividade	Comportamentos externalizantes
	<i>r</i>	<i>R</i>	<i>r</i>
Juntar-se à criança	-.08	-.02	-.03
Socorrer	.05	-.15	-.06
Redirecionar	.08	-.07	.02
<b>Procura de informação</b>	<b>.08</b>	<b>.00</b>	<b>-.05</b>
Consultar	.05	.02	-.09
Monitorizar	.10	-.07	-.00
Procurar uma explicação de outro	.01	.02	.00
<b>Planeamento<sup>b</sup></b>	<b>.09</b>	<b>-.22*</b>	<b>.11</b>
Criar uma oportunidade <sup>f</sup>	-.03	-.15	-.05
Cuidar	.12	-.16*	.10
<b>Ausência de resposta</b>	<b>.08</b>	<b>-.13</b>	<b>.03</b>
<i>Objetivos socialização</i>			
Mãe - curto prazo	.08	.01	-.08
Mãe - longo prazo	.02	.05	-.05
Criança - curto prazo	.12	-.07	.04
Criança - longo prazo	.01	.01	.01
Social - curto prazo <sup>c</sup>	.11	-.09	-.08
Social - longo prazo	-.08	.08	.10
Coletivista	.00	.04	.06
<i>Comportamentos externalizantes</i>	-.09	.16*	-

\* $p < .05$ . \*\* $p < .01$ .

<sup>a</sup> Análises conduzidas, controlando as habilitações literárias maternas e o sexo da criança. <sup>b</sup> Análises conduzidas, controlando a idade da criança. <sup>c</sup> Análises conduzidas, controlando a idade materna. <sup>d</sup> Análises conduzidas controlando o sexo da criança. <sup>e</sup> Análises conduzidas controlando as habilitações literárias maternas. <sup>f</sup> Análises conduzidas controlando o número de filhos.

Não foram observadas associações estatisticamente significativas entre objetivos de socialização e os relatos maternos de práticas parentais de cuidado e restritividade e de comportamentos externalizantes.

Não foram observadas associações estatisticamente significativas entre os relatos de comportamentos externalizantes e de práticas maternas de cuidado. Contudo, as

práticas maternas de restritividade mostraram associações positivas estatisticamente significativas com os relatos de comportamentos externalizantes.

**Associações entre os relatos paternos de crenças parentais, práticas parentais e comportamentos externalizantes.** A Tabela 8 apresenta as correlações de *Pearson* entre os relatos paternos de crenças parentais, práticas parentais e comportamentos externalizantes.

Segundo os relatos paternos, foram identificadas associações negativas estatisticamente significativas entre a reação emocional de zanga e as práticas paternas de cuidado. Em contraste, as práticas paternas de restritividade evidenciaram associações positivas estatisticamente significativas com a reação emocional de zanga. Além disso, foram encontradas associações negativas estatisticamente significativas entre a reação emocional paterna de surpresa e os comportamentos externalizantes.

Não foram observadas associações estatisticamente significativas das atribuições causais paternas para os comportamentos fisicamente agressivos e os relatos paternos de práticas de cuidado e restritividade e de comportamentos externalizantes.

Relativamente às estratégias antecipadas, não foram observadas associações estatisticamente significativas entre as estratégias antecipadas e as práticas parentais de cuidado. Contudo, foram observadas associações positivas estatisticamente significativas entre as estratégias antecipadas de reflexão auto-orientada e de apelo emocional com os relatos paternos de restritividade. Por oposição, a estratégia antecipada de redirecionar mostrou associações negativas estatisticamente significativas com os relatos paternos de restritividade parental. As estratégias antecipadas de punição e de pedido/sugestão mostraram associações positivas estatisticamente significativas com os relatos paternos de comportamentos externalizantes na criança.

Não foram observadas associações estatisticamente significativas entre objetivos de socialização e os relatos paternos de práticas parentais de cuidado e restritividade. Contudo, foram encontradas associações positivas estatisticamente significativas entre o objetivo de socialização criança a curto prazo e os comportamentos externalizantes.

Não foram observadas associações estatisticamente significativas entre os relatos paternos de comportamentos externalizantes na criança e de práticas parentais de cuidado e restritividade.

Tabela 8.

*Correlações entre os Relatos Paternos de Crenças Parentais, Práticas Parentais e Comportamentos Externalizantes.*

	Cuidado	Restritividade	Comportamentos externalizantes <sup>f</sup>
<i>Reações emocionais</i>			
Zanga <sup>a</sup>	-.29*	.30*	.04
Desapontamento <sup>b</sup>	.04	.24	-.10
Desgosto <sup>a</sup>	.10	.18	-.07
Vergonha <sup>c</sup>	.11	.25	-.10
Satisfação	-.12	-.04	-.23
Mágoa <sup>d</sup>	.10	.25	-.08
Culpa <sup>c</sup>	.06	-.05	-.08
Ansiedade	.11	.02	.02
Surpresa <sup>c</sup>	-.03	.23	-.28*
Confusão	-.03	.13	-.10
<i>Atribuições causais</i>			
Locus de controlo externo <sup>f</sup>	.16	-.10	-.07
Estabilidade	.06	.12	.05
Intencionalidade <sup>f</sup>	-.02	.22	.19
<i>Estratégias antecipadas</i>			
<b>Poder coercivo</b>	-.20	.28	.15
Forçar o comportamento apropriado	-.08	.27	.01
Punição	-.28	.03	.36*
Ameaça	-.03	.15	-.03
<b>Orientação/instrução</b>	<b>.20</b>	<b>-.28</b>	<b>-.12</b>
Modelamento	.22	-.20	-.12
Pedido/sugestão	-.04	.06	.38*
Orientação <sup>d</sup>	.13	-.15	-.11
Resolução	.10	-.06	-.06
<b>Reflexão</b>	-.18	-.15	.12
Orientada para outro	.01	-.2	.18
Auto-orientada	-.11	.29*	.03
Afirmações normativas	.08	.14	-.12
Discussão <sup>g</sup>	-.18	-.07	.18
Educação	.06	-.01	-.05
Reflexão sobre factos <sup>h</sup>	-.02	.01	.03
Apelo emocional	-.20	.43**	.23
<b>Indiretas</b>	.05	-.16	.23
Procurar uma explicação da criança	.09	-.12	.24
Socorrer	-.03	.15	-.03
Redirecionar	.11	-.32*	-.01

	Cuidado	Restritividade	Comportamentos externalizantes <sup>f</sup>
<b>Procura informação</b>	-.11	.13	-.14
Monitorizar <sup>c</sup>	-.04	.00	-.08
Procurar uma explicação de outro	-.12	.22	-.03
<b>Planeamento<sup>i</sup></b>	-.02	.06	-.01
Criar uma oportunidade	-.02	.06	-.01
Cuidar	-.21	-.02	.13
Ausência de resposta	.07	.20	-.13
<i>Objetivos socialização</i>			
Mãe - curto prazo	-.06	.04	.29
Mãe - longo prazo	-.14	.11	.14
Criança - curto prazo <sup>f</sup>	-.13	-.03	.31*
Criança - longo prazo <sup>j</sup>	.18	.11	.02
Social - curto prazo <sup>k</sup>	-.27	.06	.21
Social - longo prazo <sup>l</sup>	-.04	.17	-.16
Coletivista	.01	.05	-.21
<i>Comportamentos externalizantes<sup>f</sup></i>	-.25	.06	-

\* $p < .05$ . \*\* $p < .01$ .

<sup>a</sup>Análises conduzidas, controlando a idade e as habilitações literárias paternas e o sexo da criança. <sup>b</sup>Análises conduzidas, controlando a idade paterna e o sexo da criança. <sup>c</sup>Análises conduzidas, controlando a idade e as habilitações literárias paternas. <sup>d</sup>Análises conduzidas, controlando a idade paterna. <sup>e</sup>Análises conduzidas, controlando a idade da criança. <sup>f</sup>Análises conduzidas, controlando as habilitações literárias paternas. <sup>g</sup>Análises conduzidas, controlando o estado civil. <sup>h</sup>Análises conduzidas, controlando o estado civil e o número de pessoas com quem o pai vive. <sup>i</sup>Análises conduzidas, controlando o número de pessoas com quem o pai vive. <sup>j</sup>Análises conduzidas controlando o sexo da criança. <sup>k</sup>Análises conduzidas, controlando o número de filhos. <sup>l</sup>Análises conduzidas controlando o número de filhos e a idade da criança.

## DISCUSSÃO

Esta dissertação teve como principais objetivos (1) descrever os relatos maternos e paternos de crenças em relação aos comportamentos fisicamente agressivos e às práticas parentais nos anos pré-escolares, em função do sexo e da idade da criança, (2) descrever os relatos maternos e paternos de comportamentos externalizantes nos anos pré-escolares, em função do sexo e da idade da criança; e (3) examinar as associações entre os relatos maternos e paternos de crenças em relação aos comportamentos fisicamente agressivos, práticas parentais e comportamentos externalizantes nos anos pré-escolares.

No que se refere ao **primeiro objetivo de investigação**, os resultados da presente dissertação mostraram que mães e pais relataram reações emocionais mais elevadas de

surpresa, desapontamento, desgosto e zanga, atribuíram os comportamentos fisicamente agressivos mais a fatores externos, instáveis e não-intencionais. Foram ainda relatadas com maior frequência estratégias antecipadas de reflexão, especialmente a discussão e objetivos de socialização sociais e centrados na criança a longo prazo. Estes resultados são parcialmente consistentes com a nossa primeira hipótese de investigação (**H1**). Como verificado nos estudos anteriores conduzidos noutros contextos culturais, tanto as mães como os pais apresentaram reações emocionais negativas (i.e., preocupação, raiva, vergonha, decepção) em relação aos comportamentos fisicamente agressivos e atribuíram, em média, os comportamentos fisicamente agressivos a fatores situacionais e transitórios (Cheah & Park, 2006; Cheah & Rubin, 2004; Özdemir & Cheah, 2015).

Contudo, os nossos resultados distanciam-se dos estudos anteriores no que se refere às reações de surpresa relatados pelos pais e pelas mães que revelaram estar entre as reações emocionais com valores médios mais elevados na nossa amostra (Cheah & Park, 2006; Cheah & Rubin, 2004; Özdemir & Cheah, 2015). Embora o questionário utilizado recorra a cenários hipotéticos (Mills & Rubin, 1990), é possível que os níveis moderados de surpresa observados no estudo reflitam, em certa medida, a desejetabilidade social das respostas das mães perante comportamentos fisicamente agressivos ou o facto de o estudo ter sido conduzido numa amostra de crianças, sem diagnóstico conhecido de perturbações de desenvolvimento.

Contrariamente ao esperado (Cheah & Park, 2006; Cheah & Rubin, 2004; Özdemir & Cheah, 2015), as estratégias de poder coercivo e os objetivos de socialização centrados nos pais não foram, em média, os mais referidos pelas mães e pelos pais da nossa amostra em resposta aos comportamentos fisicamente agressivos. Estes resultados podem ter sido influenciados pelas diferenças metodológicas em relação aos estudos anteriores (Cheah & Parke, 2006; Cheah & Rubin, 2004; Özdemir & Cheah, 2015). De facto, os estudos conduzidos noutros contextos culturais também incluíam vinhetas ilustrativas de comportamentos socialmente retraídos, comparando as reações emocionais, as estratégias antecipadas e os objetivos de socialização a eles dirigidos por comparação com os relatados para os comportamentos fisicamente agressivos (Cheah & Park, 2006; Cheah & Rubin, 2004; Özdemir & Cheah, 2015). Por outro lado, a inconsistência dos resultados relativos às estratégias antecipadas e aos objetivos de socialização em relação à investigação existente pode também ser compreendida à luz do modelo bioecológico (Bronfenbrenner, 1996; Bronfenbrenner & Morris, 2006) que

reconhece que o macro-tempo pode influenciar a forma como as pessoas pensam, se sentem e reagem a diferentes comportamentos sociais das crianças (Rubin et al., 2006). Assim, os resultados obtidos no presente estudo podem refletir, em parte, a menor aceitabilidade de estratégias de poder parental coercivo no contexto atual (Lansford et al., 2021), incluindo em Portugal após a aprovação da legislação proibitiva da punição física (Rancheiro et al., 2023). Por outro lado, o modelo bioecológico (Bronfenbrenner, 1996) também reconhece que a cultura também é um fator que pode influenciar a forma como as pessoas pensam, se sentem e reagem a diferentes comportamentos sociais. Em Portugal, os valores relativos ao respeito e à tolerância em relação aos outros são qualidades desejadas nas crianças pelos respetivos pais (Ramos & Magalhães, 2022). Tal pode ter contribuído para que os objetivos de socialização sociais (e.g., preservar uma amizade, desenvolver competências sociais) e centrados na criança (e.g., ensinar valores, regras ou orientações sociais, desenvolver a personalidade e competências pessoais) a longo prazo fossem valorizados pelos pais da nossa amostra.

Os nossos resultados mostram que a zanga foi a segunda reação emocional com valores médios mais elevados para os pais, enquanto, para as mães, esta reação emocional revelou valores médios mais baixos do que a surpresa, o desapontamento, a vergonha e o desgosto. Além disso, os pais referiram, em média, com maior frequência objetivos de socialização centrados na criança a longo prazo, enquanto as mães referiram, em média, com maior frequência os objetivos de socialização sociais a longo prazo. Estes resultados podem ser compreendidos com base nas diferenças de sexo, na expressão das emoções e na socialização (Archer, 2009; Chaplin, 2015; Tremblay & Coté, 2019). Especificamente, os homens expressam mais a raiva (Chaplin, 2015) e são mais socializados para competir nas interações sociais por comparação com as mulheres (Archer, 2009; Tremblay & Coté, 2019). Tal pode ter contribuído para que a reação emocional de zanga apresentasse o segundo valor médio mais elevado para os pais e para que estes valorizassem mais frequentemente objetivos de socialização que envolvem não apenas valores, regras e orientações sociais, mas também competências pessoais.

Os nossos resultados não evidenciaram diferenças estatisticamente significativas nas reações emocionais maternas, em função do sexo da criança. Todavia, verificou-se que os pais relataram níveis mais elevados de zanga, desapontamento e desgosto quando os seus filhos são rapazes do que quando são raparigas. Estes resultados são inconsistentes com a nossa **segunda hipótese de investigação (H2)** e com os resultados observados no

estudo de Mills e Rubin (1990). Tendo em conta que os comportamentos fisicamente agressivos são mais frequentes nos rapazes do que nas raparigas (Lansford, 2018; Tremblay & Coté, 2019), é possível que os pais relatem reações emocionais mais negativas em relação a estes comportamentos hipotéticos quando os seus filhos são rapazes por estarem conscientes do seu potencial disruptivo para as interações sociais.

Foram observadas diferenças nas atribuições causais e nas estratégias antecipadas maternas, em função do sexo da criança. Segundo os relatos das mães, os comportamentos fisicamente agressivos foram atribuídos mais a fatores externos quando o seu filho é rapaz do que quando é rapariga. A literatura sobre as diferenças de sexo nas interações sociais sugere que as raparigas se envolvem tipicamente em interações sociais mais prolongadas e são mais orientadas por objetivos prossociais do que os rapazes (Rose & Smith, 2018). É possível que a discrepância entre os comportamentos sociais esperados das raparigas e os comportamentos fisicamente agressivos tenham contribuído para atribuições maternas mais negativas destes últimos a fatores internos (e.g., personalidade). Por outro lado, as mães mencionaram antecipar utilizar com maior frequência estratégias de pedido/sugestão quando os seus filhos são raparigas do que quando são rapazes. Estes resultados são consistentes com a meta-análise de Morawska (2020) que concluiu que as estratégias para responder aos comportamentos agressivos dos rapazes tendem a ser mais diretas quando comparadas com aquelas que são utilizadas com as raparigas.

No que se refere aos pais, verificou-se que a frequência média relatada para os objetivos de socialização centrados na criança a longo prazo foi mais elevada quando os seus filhos são raparigas do que quando são rapazes. Estes resultados necessitam de uma interpretação cautelosa, tendo em conta a dimensão da amostra dos pais. Tendo em conta que as raparigas são mais socializadas para cuidar (Tremblay & Coté, 2019) e a orientação das interações por objetivos prossociais nas raparigas (Rose & Smith, 2018), é possível que os pais tenham valorizado mais os objetivos de socialização que incluem não apenas o desenvolvimento de competências pessoais, mas também promover regras e orientações sociais quando os seus filhos são raparigas do que quando são rapazes.

Os resultados obtidos mostram ainda que a idade da criança se associa positivamente com relatos maternos de atribuições intencionais para os comportamentos fisicamente agressivos e a antecipação da utilização de estratégias de punição e de planeamento. No que se refere aos pais, a idade da criança revelou associações positivas com reações paternas de surpresa e objetivos de socialização sociais a curto prazo e

associações negativas com a antecipação da utilização de estratégias de monitorização. Tendo em conta que é esperado que as competências de regulação emocional das crianças aumentem à medida que a idade avança (Morris et al., 2007), é possível que as mães façam atribuições mais negativas quanto à controlabilidade dos comportamentos fisicamente agressivos e sintam maior necessidade de intervir de forma direta (coerciva através da punição, ou não-coerciva, através do planeamento) para os modificar quando os seus filhos são mais velhos. Estas expectativas em relação ao desenvolvimento das competências de regulação emocional com a idade (Morris et al., 2007) também podem ter contribuído, em certa medida, para que os pais relatassem maior surpresa em relação aos comportamentos fisicamente agressivos da criança e uma menor prontidão para apenas os monitorizar, priorizando objetivos orientados para a resolução imediata da situação.

No que toca às práticas parentais, os nossos resultados não evidenciaram diferenças estatisticamente significativas nos relatos maternos e paternos de cuidado e restritividade parental, em função do sexo e da idade da criança. Apesar da inconsistência dos resultados encontrados na literatura em relação a estas variáveis, os nossos resultados aproximam-se dos encontrados em alguns estudos anteriores (e.g., Olson et al., 2005).

Relativamente ao nosso **segundo objetivo de investigação**, os nossos resultados não evidenciaram diferenças estatisticamente significativas nos relatos maternos e paternos de comportamentos externalizantes, em função do sexo e da idade da criança. Neste sentido, os nossos resultados são inconsistentes com a nossa terceira hipótese de investigação (**H3**). Os resultados relativos à inexistência de diferenças de sexo nos relatos parentais de comportamentos externalizantes aproximam-se, contudo, da revisão sistemática de Carneiro et al., (2016) que concluiu que estas tendem a ser de magnitude pequena. Por outro lado, os estudos conduzidos noutros contextos culturais que encontraram associações estatisticamente significativas entre os relatos parentais de comportamentos externalizantes e a idade da criança incluíram pais de crianças de 2 e 3 anos (Caughy et al., 2016) e 5 e 6 anos (Roskam et al., 2017). Estas diferenças na composição etária das amostras por comparação com aquela que foi considerada no presente estudo também pode explicar a inconsistência dos resultados obtidos.

Quanto ao nosso **terceiro objetivo de investigação**, os nossos resultados não evidenciaram associações estatisticamente significativas entre as atribuições causais em relação aos comportamentos fisicamente agressivos e os relatos parentais de comportamentos

externalizantes na criança, práticas de cuidado e restritividade. Estes resultados são inconsistentes com as nossas hipóteses de investigação [H4, H5 e H6] e com estudos anteriores conduzidos, na sua maioria, em amostras clínicas de crianças em idade escolar (e.g., Colalillo et al., 2015; Kil et al., 2021; Nelson et al., 1999; Nix et al., 1999). As diferenças na composição da amostra da presente dissertação (i.e., amostra comunitária de crianças em idade pré-escolar) e nos questionários utilizados para avaliar as atribuições causais (i.e., relatos sobre os comportamentos da criança ao invés do recurso a cenários hipotéticos), as práticas parentais e os comportamentos externalizantes podem ter contribuído para a inconsistência dos nossos resultados com a literatura anterior. O estudo de Park et al. (2018), conduzido numa amostra comunitária de crianças dos 9 aos 12 anos, também identificou apenas as associações hipotetizadas entre as atribuições causais e os relatos de práticas parentais de controlo coercivo, mas não com os relatos maternos de comportamentos externalizantes.

Em contraste, os nossos resultados mostram que a dimensão afetiva (i.e., reações emocionais) das crenças parentais parece associar-se com os relatos de práticas parentais. Especificamente, verificámos que os relatos maternos de reações emocionais de zanga, desapontamento, desgosto, vergonha, mágoa, culpa e ansiedade se associaram positivamente com os relatos de práticas de restritividade. Embora a dimensão da amostra exija uma interpretação cautelosa dos resultados, os relatos paternos de reações emocionais de zanga associaram-se negativamente com os relatos de práticas de restritividade e positivamente com os relatos de práticas de cuidado. Os resultados obtidos parecem, em certa medida, aproximar-se do observado no estudo de Scarnier et al. (2009) que verificaram que as reações emocionais maternas de raiva se associaram positivamente com comportamentos de controlo, embora mais coercivos do que aqueles que foram avaliados na nossa amostra. Contrariamente a este estudo (Scarnier et al., 2009), a amplitude de reações emocionais associadas a comportamentos de controlo foi mais extensa para as mães da nossa amostra do que para os pais, incluindo a culpa. No estudo de Scarnier et al. (2009), os relatos de culpa materna revelaram associações positivas com estratégias antecipadas indutivas. É possível que estes resultados reflitam diferenças metodológicas na forma como as reações emocionais e os comportamentos parentais maternos foram avaliados.

Além disso, os nossos resultados também sugerem que a dimensão afetiva (i.e., reações emocionais) das crenças parentais se associa com os relatos parentais de comportamentos externalizantes. Especificamente, foram observadas associações positivas estatisticamente significativas entre os relatos maternos de reação emocional de

satisfação e de comportamentos externalizantes. É possível que este tipo de reações emocionais maternas coincida com uma maior aceitação do comportamento fisicamente agressivo da criança (Cheah et al., 2004) que pode, em certa medida, funcionar como uma forma de reforço que aumenta a probabilidade de as mães observarem comportamentos externalizantes por parte da criança na brincadeira com os pares. Por outro lado, os relatos maternos e paternos de reações emocionais de surpresa revelaram associações negativas estatisticamente significativas com os relatos de comportamentos externalizantes. A natureza comunitária da amostra e a desejabilidade social podem ter contribuído para o resultado obtido.

Relativamente às estratégias antecipadas, os nossos resultados mostraram que relatos de maior recurso a estratégias antecipadas de apelo emocional por parte dos pais e das mães se associaram a relatos de menor cuidado e maior restritividade. Estes resultados são consistentes com o estudo de Mills e Rubin (1990) que mostrou que as estratégias antecipadas reativas, como o apelo emocional, têm como objetivo modificar ou eliminar os comportamentos socialmente inapropriados da criança. Este tipo de estratégias parece, assim, ter um enfoque no controlo de comportamentos e emoções da criança, tal como os relatos de práticas parentais restritivas (Rickel & Biasatti, 1982).

Para as mães, os relatos de práticas parentais de menor restritividade e maior cuidado associaram-se a uma amplitude mais vasta de estratégias antecipadas focadas na partilha de afeto e sentimentos (e.g., evitar forçar o comportamento apropriado, cuidar, elogiar ou procurar uma explicação pela criança) ao invés do controlo do comportamento da criança (Rickel & Biasatti, 1982; Ribeiro et al., 2021). Para os pais, práticas parentais de menor restritividade associaram-se apenas a estratégias antecipadas de redireccionamento, isto é, de tentativa de mudar o foco de atenção da criança. É possível que estes resultados reflitam as diferenças entre práticas parentais maternas e paternas. Por exemplo, a revisão sistemática de Yaffe (2023) mostrou que as mães são mais apoiantes, responsivas e aceitantes do que os pais, concluindo que as mães assumem tendencialmente um papel de maior cuidado que os pais.

Por outro lado, os nossos resultados evidenciaram que foram apenas observadas associações estatisticamente significativas entre as estratégias antecipadas/objetivos de socialização e os relatos paternos de comportamentos externalizantes das crianças. Especificamente, relatos paternos de estratégias antecipadas de punição associaram-se positivamente com relatos de comportamentos externalizantes na criança. Estes

resultados aproximam-se, em certa medida, daqueles que foram obtidos em estudos anteriores (e.g., Lansford, Wager et al., 2012) que verificaram que as estratégias reativas se associaram positivamente com relatos de comportamentos externalizantes nas crianças. Além disso, os nossos resultados mostraram associações positivas entre os relatos paternos de estratégias de sugestão e objetivos centrados na criança a curto prazo e relatos de comportamentos externalizantes na criança. É possível que a utilização de afirmações que indicam a direção do comportamento da criança para a levar a obedecer sem pressão e o enfoque em fazer a criança sentir-se bem a curto prazo dificultem a comunicação clara e estabelecimento de regras e limites que mostraram associar-se a relatos de menores níveis de comportamentos externalizantes na investigação anterior (e.g., Denham et al., 2000). Embora estes resultados mereçam uma interpretação cautelosa, é possível que estas associações se tenham verificado para os pais porque, segundo a revisão sistemática de Yaffe (2023), estes apresentam tipicamente comportamentos mais diretivos por comparação com as mães.

A nossa sétima hipótese de investigação (**H7**) foi apenas parcialmente corroborada. Não foram observadas associações estatisticamente significativas entre os relatos de comportamentos externalizantes e de práticas maternas de cuidado. Apesar disso, as práticas parentais maternas de restritividade mostraram associações positivas estatisticamente significativas com os relatos de comportamentos externalizantes, sendo consistente com a nossa oitava hipótese de investigação (**H8**). Deste modo, os nossos resultados aproximam-se de investigações anteriores (Coe et al., 2020; Loginova & Slobodskaya, 2017; Okorn et al., 2022; Olson et al., 2017; Ren et al., 2018; Sebre et al., 2015), que demonstraram associações positivas significativas entre os relatos maternos de comportamentos de controlo parental e de comportamentos externalizantes na criança.

Relativamente aos pais, não foram observadas associações estatisticamente significativas entre os relatos paternos de comportamentos externalizantes na criança e de práticas parentais de cuidado e restritividade. A meta-análise de Pinquart (2017) concluiu que as associações entre os relatos de práticas parentais de calor e controlo e de comportamentos externalizantes tendem a ser de magnitude pequena. Além disso, esta meta-análise (Pinquart, 2017) mostrou a magnitude das associações entre estas variáveis é mais forte em amostras clínicas e/ou forenses (devido à sua maior variabilidade em relação a amostras comunitárias) que envolvem crianças mais velhas, quando o

respondente é a mãe e quando as medidas avaliam perturbações externalizantes. Estes fatores podem ter contribuído para os resultados observados para os pais.

### **Limitações**

O presente estudo não se encontra isento de limitações. Primeiramente, a nossa amostra foi recrutada com base num método de amostragem por conveniência, por intermédio dos estabelecimentos de ensino pré-escolar privados e integrados em instituições de solidariedade social com os quais a equipa de investigação tinha contactos previamente estabelecidos. Em segundo lugar, a amostra foi essencialmente composta por mães, na sua maioria com habilitações literárias superiores, casadas/unidas de facto que classificaram a relação com o(a) companheiro(a) como muito positiva, o que limita a generalização dos resultados obtidos. Da mesma forma, o número limitado de pais e de díades parentais da mesma criança limitou a análise dos resultados obtidos. Em terceiro lugar, os procedimentos de recolha de dados *online* podem ter limitado a participação de mães e pais de meios socioeconómicos mais desfavorecidos, com menor literacia digital ou com limitações de acesso à internet. Em quarto lugar, a recolha de dados contemplou a perspetiva de dois informantes (i.e., mães e pais), mas baseou-se num único método de recolha de dados (i.e., questionários), podendo ter sido influenciado pela desejabilidade social. Além disso, no questionário de avaliação das crenças parentais, foram apresentados cenários hipotéticos, sobre os quais os pais se posicionam, podendo não corresponder às reações emocionais, atribuições causais, estratégias antecipadas e objetivos de socialização que os pais demonstram em situações de interação reais com os seus filhos. Em último lugar, o delineamento transversal do presente estudo (i.e., único momento de recolha de dados) não permite estabelecer relações de causalidade, nem tirar conclusões em relação à direção das associações entre as variáveis em estudo.

### **Implicações para a investigação**

Com base no presente estudo, são sugeridas algumas direções para estudos futuros. Em primeiro lugar, propomos que estes estudos integrem as mães e os pais da mesma criança para analisar as (in)consistências e associações recíprocas dos relatos de crenças parentais, práticas parentais e comportamentos externalizantes na criança de ambos os elementos das díades parentais. Em segundo lugar, sugerimos que os estudos futuros sobre este tema sejam conduzidos numa amostra mais diversificada, tanto a nível geográfico, como a nível sociodemográfico (e.g., diferentes configurações familiares e

habilitações literárias). Em terceiro lugar, propomos a realização de estudos longitudinais para explorar a estabilidade ou mudança dos relatos de crenças, práticas e comportamentos externalizantes ao longo do tempo e as associações entre estas variáveis. Em quarto lugar, consideramos relevante que os estudos futuros integrem métodos de observação das práticas parentais, entrevistas semiestruturadas com os pais para compreender, em profundidade, as crenças parentais e que integrem o relato de outros informantes relevantes (nomeadamente, os educadores de infância) quanto aos comportamentos externalizantes das crianças. Em quinto lugar, sugerimos a realização de estudos que comparem os relatos de crenças sobre a agressividade física, relacional e o retraimento social, práticas parentais e comportamentos externalizantes/internalizantes em idade pré-escolar (3-6 anos) em diferentes culturas. Por último e em linha com o modelo de processamento da informação parental que orientou o presente trabalho (Rubin et al., 1989), os nossos resultados sugerem que pode ser importante analisar as associações indiretas entre os relatos de crenças parentais e de comportamentos externalizantes, através das práticas parentais.

### **Implicações para a intervenção**

Os resultados obtidos neste estudo sugerem ainda algumas implicações para a intervenção. As associações dos relatos sobre a dimensão afetiva das crenças parentais (i.e., reações emocionais) com as práticas parentais e os relatos de comportamentos externalizantes parecem sugerir que é importante que os programas universais de prevenção de comportamentos externalizantes em idade pré-escolar preparem os pais para lidar com as suas próprias emoções em relação a comportamentos fisicamente agressivos, dotando-os, por exemplo, de estratégias de autorregulação emocional adaptativas. Além disso, as associações dos relatos parentais de estratégias antecipadas com as práticas parentais e os comportamentos externalizantes parecem sugerir que também é importante que este tipo de programas trabalhe as expectativas dos pais, ou seja, as suas cognições acerca das formas apropriadas de responder aos comportamentos fisicamente agressivos das crianças (Cheah, 2004). Embora a dimensão da amostra exija uma interpretação cautelosa, os resultados parecem reforçar a importância de envolver pais e mães nos programas universais de prevenção de comportamentos externalizantes, considerando as comunalidades e diferenças na forma como as crenças, práticas e relatos dos comportamentos externalizantes dos seus filhos se associam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Achenbach, T. M. (2017). Future directions for clinical research, services, and training: Evidence-based assessment across informants, cultures, and dimensional hierarchies. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 46(1), 159-169. <https://doi.org/10.1080/15374416.2016.1220315>
- Archer, J. (2009). Does sexual selection explain human sex differences in aggression? *Behavioral and Brain Sciences*, 32(3-4), 249-266. <https://doi.org/10.1017/S0140525X09990951>
- Areepattamannil, S. (2010). Parenting practices, Parenting Style, and Children's School Achievement. *Psychological Studies*, 55 (4), 283-289. <https://doi.org/10.1007/s12646-010-0043-0>
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4(1, Pt.2), 1-103. <https://doi.org/10.1037/h0030372>
- Baumrind, D. (1991). Effective parenting during the early adolescent transition. In P. A. Cowan & E. M. Hetherington (Eds.), *Family transitions* (pp. 111-163). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Bornstein, M. H. (Ed.). (2005). *Handbook of parenting: volume 3 being and becoming a parent*. Psychology Press.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *The state of Americans: This generation and the next*. Simon and Schuster.
- Bugental, D. B. (1992). Affective and cognitive processes within threat-oriented family systems. In I. E. Sigel, A. V. McGillicuddy-DeLisi, & J. J. Goodnow (Eds.), *Parental belief systems: The psychological consequences for children* (pp. 219-248). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Carneiro, A., Dias, P., & Soares, I. (2016). Risk factors for internalizing and externalizing problems in the preschool years: Systematic literature review based on the Child Behavior Checklist 1½-5. *Journal of Child and Family Studies*, 25(10), 2941-2953. <https://doi.org/10.1007/s10826-016-0456-z>
- Caughy, M. O., Peredo, T. N., Owen, M. T., & Mills, B. (2016). Gender differences in the relation between mothering behaviors and child-behavior problems among

- Hispanic preschoolers. *Developmental Psychology*, 52(4), 592–598. <https://doi.org/10.1037/a0040075>
- Chaplin, T. M. (2015). Gender and emotion expression: A developmental contextual perspective. *Emotion Review*, 7(1), 14-21. <https://doi.org/10.1177/1754073914544408>
- Cheah, C. S., & Park, S. Y. (2006). South Korean mothers' beliefs regarding aggression and social withdrawal in preschoolers. *Early Childhood Research Quarterly*, 21(1), 61-75. <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2006.01.004>
- Cheah, C., & Rubin, K. (2004). European American and Mainland Chinese mothers' responses to aggression and social withdrawal in preschoolers. *International Journal of Behavioral Development*, 28(1), 83-94. <https://doi.org/10.1080/01650250344000299>
- Chen, Q., & Jiang, Y. (2002). Social competence and behavior problems in Chinese preschoolers. *Early Education and Development*, 13(2), 171-186. [https://doi.org/10.1207/s15566935eed1302\\_4](https://doi.org/10.1207/s15566935eed1302_4)
- Coe, J., Davies, P., Hentges, R., & Sturge-Apple, M. (2020). Understanding the nature of associations between family instability, unsupportive parenting, and children's externalizing symptoms. *Development and Psychopathology*, 32(1), 257–269. <https://doi.org/10.1017/S0954579418001736>
- Colalillo, S., Miller, N. V., & Johnston, C. (2015). Mother and father attributions for child misbehavior: Relations to child internalizing and externalizing problems. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 34(9), 788-808. <https://doi.org/10.1521/jscp.2015.34.9.788>
- Coplan, R. J., Hastings, P. D., Lagace-Seguin, D. G., & Moulton, C. E. (2002). Authoritative and authoritarian mothers' parenting goals, attributions, and emotions across different childrearing contexts. *Parenting Science and Practice*, 2, 1–26. [https://doi.org/10.1207/s15327922par0201\\_1](https://doi.org/10.1207/s15327922par0201_1)
- Daoust, A. R., Thakur, A., Kotelnikova, Y., Kleiber, M. L., Singh, S. M., & Hayden, E. P. (2021). Associations between children's telomere length, parental intrusiveness, and the development of early externalizing behaviors. *Child*

*Psychiatry & Human Development*, 54, 1-11. <https://doi.org/10.1007/s10578-021-01279-3>

Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487–496. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>

Denham, S. A., Workman, E., Cole, P. M., Weissbrod, C., Kendziora, K. T., & Zahn-Waxler, C. (2000). Prediction of externalizing behavior problems from early to middle childhood: The role of parental socialization and emotion expression. *Development and psychopathology*, 12(1), 23-45. <https://doi.org/10.1017/s0954579400001024>

Dix, T. H. (1992). Parenting on behalf of the child: Empathic goals in the regulation of responsive parenting. In I. E. Sigel, A. V. McGillicuddy-DeLisi, & T. J. Goodnow (Eds.), *Parental belief systems: The psychological consequences for children* (2nd ed., pp. 319–346). Lawrence Erlbaum Associates

Dix, T. H., & Grusec, J. E. (1985). Parent attribution process in the socialization of children. In I. E. Sigel (Ed.), *Parent belief systems: The psychological consequences for children* (pp. 201–233). Lawrence Erlbaum Associates.

Dodge, K. A., Coie, J. D., & Lynam, D. (2006). Aggression and antisocial behavior in youth. In N. Eisenberg, W. Damon, & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (pp. 719–788). John Wiley & Sons, Inc.

Echeverría, A. V., Rocha, T., Leite, J. C., Teixeira, P., & Cruz, O. (2016). Portuguese validation of the social competence and behavior evaluation scale (SCBE-30). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 29. <https://doi.org/10.1186/s41155-016-0014-z>

Fernandes, M., Santos, A. J., Antunes, M., Fernandes, C., Monteiro, L., Vaughn, B. E., & Veríssimo, M. (2020). Convergent and discriminant validities of SCBE-30 questionnaire using correlated trait–correlated method Minus One. *Frontiers in Psychology*, 11, 571792. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.571792>

- Fernandes, M., Veríssimo, M., Fernandes, C., Antunes, M., & Santos, A. J. (2019). *Correlated trait correlated method minus one analysis of the three scbe-30 traits across multiple raters*. [Apresentação de Poster]. SRCD 2019 Biennial Meeting, Baltimore, USA.
- Gamliel, K. H., Dollberg, D. G., & Levy, S. (2018). Relations between parents' anxiety symptoms, marital quality, and preschoolers' externalizing and internalizing behaviors. *Journal of Child and Family Studies*, 27(12), 3952-3963. <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1212-3>
- Gardner, F., Shaw, D. S., Dishion, T. J., Burton, J., & Supplee, L. (2007). Randomized prevention trial for early conduct problems: Effects on proactive parenting and links to toddler disruptive behavior. *Journal of family psychology*, 21(3), 398-406. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.21.3.398>
- Grusec, J. E., Dix, T., & Mills, R. (1982). The effects of type, severity, and victim of children's transgressions on maternal discipline. *Canadian Journal of Behavioral Science*, 14, 276-289. <https://doi.org/10.1037/h0081271>
- Hastings, P. D., & Rubin, K. H. (1999). Predicting mothers' beliefs about preschool-aged children's social behavior: Evidence for maternal attitudes moderating child effects. *Child Development*, 70, 722-741. <https://doi/epdf/10.1111/cdep.12220>
- Hay, D. F. (2017). The early development of human aggression. *Child Development Perspectives*, 11(2), 102-106. <https://doi.org/10.1111/cdep.12220>
- Holden, G. W., Ashraf, R., Brannan, E., & Baker, P. (2016). The emergence of "positive parenting" as a revived paradigm. *Contexts for young child flourishing*, 201-215.
- Holden, G. W., & Smith, M. M. (2019). Parenting cognitions. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (3<sup>rd</sup> ed., Vol. 3, pp. 681-721). Routledge.
- Huesmann, L. R., & Guerra, N. G. (1997). Children's normative beliefs about aggression and aggressive behavior. *Journal of personality and social psychology*, 72(2), 408. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.72.2.408>
- Kauten, R., & Barry, C. T. (2020). Externalizing behavior. In V. Zeigler-Hill, & T. K. Shackelford (Eds.), *Encyclopedia of personality and individual differences*. Springer International Publishing (1st ed., pp. 1509-1512). [https://doi.org/10.1007/978-3-319-24612-3\\_894](https://doi.org/10.1007/978-3-319-24612-3_894)

- Klein, M., Lengua, L., Thompson, S., Moran, L., Ruberry, E., Kiff, C., & Zalewski, M. (2018). Bidirectional relations between temperament and parenting predicting preschool-age children's adjustment. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 47(1), 113-126. <https://doi.org/10.1080/15374416.2016.1169537>
- Kil, H., Aitken, M., Henry, S., Hoxha, O., Rodak, T., Bennett, K., & Andrade, B. F. (2021). Transdiagnostic associations among parental causal locus attributions, child behavior and psychosocial treatment outcomes: A systematic review. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 24, 267-293. <https://doi.org/10.1007/s10567-020-00341-1>
- Kil, H., Martini, J., & Andrade, B. F. (2020). Parental attributions, parenting skills, and readiness for treatment in parents of children with disruptive behavior. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 42, 464-474. <https://doi.org/10.1007/s10862-020-09801-y>
- LaFreniere, P. J., & Dumas, J. E. (1996). Social competence and behavior evaluation in children ages 3 to 6 years: The short form (SCBE-30). *Psychological Assessment*, 8(4), 369-377. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.8.4.369>
- LaFreniere, P., Masataka, N., Butovskaya, M., Chen, Q., Auxiliadora Dessen, M., Atwanger, K., ... & Frigerio, A. (2002). Cross-cultural analysis of social competence and behavior problems in preschoolers. *Early Education and Development*, 13(2), 201-220. [https://doi.org/10.1207/s15566935eed1302\\_6](https://doi.org/10.1207/s15566935eed1302_6)
- Lansford, J. E. (2018). Development of aggression. *Current Opinion in Psychology*, 19, 17-21. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.03.015>
- Lansford, J. E. (2021). Annual Research Review: Cross-cultural similarities and differences in parenting. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 63 (4), 466-479. <https://doi.org/10.1111/jcpp.13539>
- Lansford, J. E., Skinner, A. T., Sorbring, E., Di Giunta, L., Deater-Deckard, K., Dodge, K. A., Malone, P. S., Oburu, P., Pastorelli, C., Tapanya, S., Tirado, L. M., Zelli, A., Al-Hassan, S. M., Alampay, L. P., Bacchini, D., Bombi, A. S., Bornstein, M. H., & Chang, L. (2012). Boys' and girls' relational and physical aggression in nine countries. *Aggressive behavior*, 38(4), 298-308. <https://doi.org/10.1002/ab.21433>

- Lansford, J. E., Wager, L. B., Bates, J. E., Dodge, K. A., & Pettit, G. S. (2012). Parental reasoning, denying privileges, yelling, and spanking: Ethnic differences and associations with child externalizing behavior. *Parenting, 12*(1), 42-56. <https://doi.org/10.1080/15295192.2011.613727>
- Leerkes, E. M., & Augustine, M. E. (2019). Parenting and emotions. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (3<sup>rd</sup> ed., Vol. 3, pp. 620-653). Routledge.
- Li, Y., Costanzo, P. R., & Putallaz, M. (2010). Maternal socialization goals, parenting styles, and social-emotional adjustment among Chinese and European American young adults: Testing a mediation model. *The Journal of genetic psychology, 171*(4), 330-362. <https://doi.org/10.1080/00221325.2010.505969>.
- Loginova, S. V., & Slobodskaya, H. R. (2017). The mediating role of parenting in the relation between personality and externalizing problems in Russian children. *Personality and Individual Differences, 106*, 275–280. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.10.055>
- Maccoby, E.E., & Martin, J.A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent–child interaction. In P. Mussen and E.M. Hetherington, (Eds.), *Handbook of Child Psychology*, volume IV: Socialization, personality, and social development (pp.1-101). Wiley.
- Mills, R. S., & Rubin, K. H. (1990). Parental beliefs about problematic social behaviors in early childhood. *Child Development, 61*(1), 138-151. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1990.tb02767.x>
- Morawska, A. (2020). The effects of gendered parenting on child development outcomes: a systematic review. *Clinical Child and Family Psychology Review, 23* (4). <https://doi.org/10.1007/s10567-020-00321-5>
- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Myers, S. S., & Robinson, L. R. (2007). The role of the family context in the development of emotion regulation. *Social Development, 16* (2),361-388. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00389.x>
- Murray-Close, D., Nelson, D. A., Ostrov, J. M., Casas, J. F., & Crick, N. R. (2016). Relational aggression: A developmental psychopathology

- perspective. *Developmental psychopathology*, 1-63.  
<https://doi.org/10.1002/9781119125556.devpsy413>
- Nelson, J. A., O'Brien, M., Calkins, S. D., & Keane, S. P. (2013). Mothers' and fathers' negative responsibility attributions and perceptions of children's problem behavior. *Personal Relationships*, 20(4), 719-727.  
<https://doi.org/10.1111/pere.12010>
- Nix, R. L., Pinderhughes, E. E., Dodge, K. A., Bates, J. E., Pettit, G. S., & McFadyen-Ketchum, S. A. (1999). The relation between mothers' hostile attribution tendencies and children's externalizing behavior problems: The mediating role of mothers' harsh discipline practices. *Child development*, 70(4), 896-909.  
<https://doi.org/10.1111/1467-8624.00065>
- Okorn, A., Verhoeven, M., & van Baar, A. (2022). The importance of mothers' and fathers' positive parenting for toddlers' and preschoolers' social-emotional adjustment. *parenting*. <https://doi/full/10.1080/15295192.2021.1908090>
- Olson, S., Choe, D., & Sameroff, A. (2017). Trajectories of child externalizing problems between ages 3 and 10 years: Contributions of children's early effortful control, theory of mind, and parenting experiences. *Development and Psychopathology*, 29(4), 1333-1351.  
<https://doi.org/10.1017/S095457941700030X>
- Olson, S. L., Sameroff, A. J., Kerr, D. C., Lopez, N. L., & Wellman, H. M. (2005). Developmental foundations of externalizing problems in young children: The role of effortful control. *Development and psychopathology*, 17(1), 25-45. <https://doi.org/10.1017/S0954579405050029>
- Ostrov, J. M., Blakely-McClure, S. J., Perry, K. J., & Kamper-DeMarco, K. E. (2018). Definitions—The form and function of relational aggression. in s. m. coyne & j. m. ostrov (eds.), *The Development of Relational Aggression* (pp. 13-28). Oxford University Press.
- Özdemir, S., & Cheah, C. S. (2015). Turkish mothers' parenting beliefs in response to preschoolers' aggressive and socially withdrawn behaviors. *Journal of Child and Family Studies*, 24, 687-702. <https://doi.org/10.1007/s10826-013-9879-y>

- Park, J. L., Johnston, C., Colalillo, S., & Williamson, D. (2018). Parents' attributions for negative and positive child behavior in relation to parenting and child problems. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 47(sup1), S63-S75. <https://doi.org/10.1080/15374416.2016.1144191>
- Piao, J., Huang, Y., Han, C., Li, Y., Xu, Y., Liu, Y., & He, X. (2022). Alarming changes in the global burden of mental disorders in children and adolescents from 1990 to 2019: a systematic analysis for the Global Burden of Disease study. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 31(11), 1827-1845. <https://doi.org/10.1007/s00787-022-02040-4>
- Pinquart, M. (2017). Associations of parenting dimensions and styles with externalizing problems of children and adolescents: An updated meta-analysis. *Developmental Psychology*, 53(5), 873–932. <https://doi.org/10.1037/dev0000295>
- Ramos, A., & Magalhães, P. C. (2022). *European Values Study: Relatório do estudo dos valores europeus, 2017-2019*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rancheiro, T., Guedes, M., & Veríssimo, M. (2023). The role of child, maternal and household factors in the reported use of physical punishment practices by Portuguese mothers. *Análise Psicológica*, 41(1), 29-40. <https://doi.org/10.14417/ap.2029>
- Rao, N., McHale, J. P., & Pearson, E. (2003). Links between socialization goals and child-rearing practices in Chinese and Indian mothers. *Infant and Child Development: An International Journal of Research and Practice*, 12(5), 475-492. <https://doi.org/10.1002/icd.341>
- Raval, V. V., Li, X., Deo, N., & Hu, J. (2018). Reports of maternal socialization goals, emotion socialization behaviors, and child functioning in China and India. *Journal of Family Psychology*, 32(1), 81. <https://doi.org/10.1037/fam0000336>
- Raval, V. V., Raval, P. H., & Deo, N. (2014). Mothers' socialization goals, mothers' emotion socialization behaviors, child emotion regulation, and child socioemotional functioning in urban India. *The Journal of Early Adolescence*, 34(2), 229-250. <https://doi.org/10.1177/0272431613485821>

- Ren, L., Zhang, X., Yang, W., & Song, Z. (2018). Relations among parenting, child behavioral regulation and early competencies: A study on Chinese preschoolers. *Journal of Child and Family Studies*, 27(2), 639-652. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0898-y>
- Ribeiro, O., Guedes, M., Veríssimo, M., Rubin, K., & Santos, A. J. (2021). Multidimensional Factor Structure of the Modified Child Rearing Practices Report questionnaire (CRPR-Q) in a sample of Portuguese mothers: A bifactor approach. *Análise Psicológica*, 39(2), 299-311. <https://doi.org/10.14417/ap.1688>
- Richie, J., & Lewis, J. (2003). *Qualitative research practice for social scientists and researchers*. Sage Publications.
- Rickel, A. U., & Biasatti, L. L. (1982). Modification of the block child rearing practices report. *Journal of Clinical Psychology*, 38(1), 129-134. [https://doi.org/10.1002/1097-4679\(198201\)38:1%3C129::AID-JCLP2270380120%3E3.0.CO;2-3](https://doi.org/10.1002/1097-4679(198201)38:1%3C129::AID-JCLP2270380120%3E3.0.CO;2-3)
- Rose, A. J., & Smith, R. L. (2018). Gender and peer relationships. In W. M. Bukowski, B. Laursen, & K. H. Rubin (Eds.), *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (2nd ed., pp. 571–589). The Guilford Press.
- Roskam, I., Hoang, T. V., & Schelstraete, M. A. (2017). A cross-cultural comparison of Belgian and Vietnamese children's social competence and behavior. *Early Education and Development*, 28(4), 475-487. <https://doi.org/10.1080/10409289.2016.1248167>
- Rubin, K. H., & Chung, O. B. (Eds.). (2013). *Parenting beliefs, behaviors, and parent-child relations: A cross-cultural perspective*. Psychology Press.
- Rubin, K.H. & Mills, R.S.L. (1992). Parents' ideas about the development of aggression and withdrawal. In I. Sigel, J. Goodnow, & A. McGillicuddy-deLisi (Eds.), *Parental Belief Systems* (pp.41-68). Erlbaum.
- Rubin, K.H., Mills, R.S.L., & Rose-Krasnor, L. (1989). Maternal beliefs and children's competence. In B. Schneider, G. Attili, J. Nadel, & R. Weissberg (Eds.), *Social*

*competence in developmental perspective* (pp. 313–331). Springer Netherlands.  
[https://doi.org/10.1007/978-94-009-2442-0\\_19](https://doi.org/10.1007/978-94-009-2442-0_19).

Scarnier, M., Schmader, T., & Lickel, B. (2009). Parental shame and guilt: Distinguishing emotional responses to a child's wrongdoings. *Personal Relationships, 16*(2), 205-220. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2009.01219.x>

Sebre, S. B., Jusiene, R., Dapkevica, E., Skreitule-Pikse, I., & Bieliauskaite, R. (2015). Parenting dimensions in relation to pre-schoolers' behaviour problems in Latvia and Lithuania. *International Journal of Behavioral Development, 39*(5), 458-466. <https://doi/abs/10.1177/0165025414548774>

Sette, S., Baumgartner, E., & Schneider, B. H. (2014). Shyness, child–teacher relationships, and socio-emotional adjustment in a sample of Italian preschool-aged children. *Infant and Child Development, 23*(3), 323-332. <https://doi.org/10.1002/icd.1859>

Sroufe, L. A., Egeland, B., & Carlson, E. A. (1999). One social world: The integrated development of parent-child and peer relationships. In W. A. Collins & B. Laursen (Eds.), *Relationships as developmental contexts* (pp. 252-273). Psychology Press.

Stifter, C. A., Spinrad, T., & Braungart-Rieker, J. (1999). Toward a developmental model of child compliance: The role of emotion regulation in infancy. *Child development, 70*(1), 21-32. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00003>

Tremblay, R. E., & Côté, S. M. (2019). Sex differences in the development of physical aggression: An intergenerational perspective and implications for preventive interventions. *Infant mental health journal, 40*(1), 129-140. <https://doi.org/10.1002/imhj.21760>

Vaughn, B. E., & Santos, A. J. (2007). An evolutionary/ecological account of aggressive behavior and trait aggression in human children and adolescents. In P. H. Hawley, T. D. Little, & P. C. Rodkin (Eds.), *Aggression and adaptation: The bright side to bad behavior* (pp. 31–63). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Weiner, B. (1995). *Judgments of responsibility: A foundation for a theory of social conduct*. Guilford Press.

Yaffe, Y. (2023). Systematic review of the differences between mothers and fathers in parenting styles and practices. *Current Psychology*, 42(19), 16011-16024. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-01014-6>